Memorias

Diario ao correr da penna:

Vol.e

UNIVERSIDADE * LIVRARIA DA

1952 – 1954

P

Não posso crer que haja quem batendo com a mão na testa, não se atreva a dizer seu pouco ou seu muito...»

D. Francisco Manuel de Melo: A Feira dos Anexins, Parte I, Diálogo I, §2º

~ 1952 ~

Janeiro: 1.

Mais outro ano... Tem que ser assim. Vôam como o Diabo e vão lá agarra-los!

O Cristovão foi aos cumprimentos á Presidencia da Republica e eu fui ao Estoril com o resto da familia.

Frio de rachar. Vento agreste do norte que desmentia a fama paradisiaca da celebrada estancia. Tivémos que nos recolher nos abrigos do Tamariz para esperar a hora do comboio. E assim o ano começou com uma ligeira mas inofensiva desilusão.

O Cristovão, ao regressar dos cumprimentos presidenciais, contou que o director do Colegio, satisfeita a obrigação protocolar ao Craveiro Lopes, levou a deputação ao patriarcado, para beijar o anel ao Cardeal e desejar-lhe um ano cheio de venturas...

E inquirindo eu, com certos cuidados, se ninguem protestou, concluí que todos foram pela contrariedade.

Ainda bem. Viva a boa harmonia!

E assim começa o ano.

Janeiro: 2

Falei hoje com o Luis Pastor de Macedo a quem ha dias fiz "audiencia". Marcou-me para hoje na Camara, ás 11 h., onde compareci com interesse.

E' uma creatura empertigada, bem posta, com ares de certa distinção. Deve andar pelos 50 anos, mas com aparencia de menos. Recebeu-me muito bem, mas com superioridade, isto é, como pessoa que me deu a honra da recepção.

Eu queria saber se ele possuia ainda alguns restos do arquivo da casa do tio-avô, o gravador Francisco Pastor, onde eu pudesse descobrir qualquer coisa de meu tio Rafael. Ouviu-me com atenção, atenção cerimoniosa, com pouco hirto, com ligeiro sorriso não sei se annuel se desdenhoso; e informou-me, no fim da m.ª exposição, de que nada possuia do que constituira o arquivo

e recheio da notavel oficina de gravura em madeira.

E então, com mais á-vontade, expoz-me que a Tia Paca (D. Francisca Pastor) a seguir á morte do marido desbaratára tudo, vendendo e dando sem tom nem som. Ele, Luis Pastor, ficára apenas com o encargo de continuar com a direcção do Correio da Europa — e mais nada. Livros de contas, de registos de encomendas, gravuras, edições da casa, tudo se dispersou lastimosamente.

E dizia isto com gestos comedidos, como se fizesse uma palestra em publico, sempre hirto, com importancia...

Eu observava-o com atenção — pois estava prevenido já de que ele era excessivamente presumido e imponente. Não me queixo, porem; o homem, dentro dessa rigidez de 1ª classe, recebeu-me atentamente e, depois de troca de impressões gerais para fechar a conversa, acompanhou-me até á porta com amabilidade.

Nada feito, pois, quanto ao espolio da casa Pastor. E lembro-me de que mª Tia Susana me contára que a dita D. Paca, para se desembaraçar de parte do espolio do

Vaia ecclesiastica; com certo á-vontade dis
se que lhe queria falar — ao que o dono da
casa correspondeu mandando-o entrar pa-
ra o seu escritorio. Ahi, o padre, sem
mais rodeios nem atenções, disse que um
predio que ele, Margarita de Fig.ª, possuia no
Porto junto do Lyceu Feminino, ocupado por
uma senhora muito velha e muito doente
era necessario á Confr.ª de Jesus que o arren-
dava ou o compraria se isso fosse possivel.
O predio (continuou) dominava o terreno
do recreio das raparigas do Lyceu e estava
destinado a uma residencia de freiras que
assim vigiariam as alunas e procurariam
descubrir as tendencias ou temperamentos
com o fim de recrutar futuras religiosas...

O M. de Figueiredo ouviu sem interrom-
per a exposição feita sem rebuços de qual-
quer especie. Quando ele acabou observou
que a senhora que habitava o predio tinha o
seu arrendamento legal e pagava em dia e
alem disso não dera motivo p.ª ser despedi-
da. Mas o padre, sempre com insinuativa,
respondeu que isso era o menos, que tudo
se arranjaria; e terminou por dizer com
ar de ameaça velada:

marido, mandára lá para casa uns caixotes com gravuras em madeira, umas dezenas delas; e que, passados anos, meu Tio, aborrecido com aqueles trambolhos, déra ordem ao pelo menos autorização á governanta da casa para converter em lenha para o fogão toda aquela quantidade de lixo gravado... E assim o fogo consumiu certam.te muitas obras boas.

*

A' tarde encontrei na Livraria Portugal á rua do Carmo o velho am.º António Mesquita de Figueiredo.

Falámos de varias coisas e ele contou-me com a vivacid.e do costume o seguinte episodio que merece registado:

Ha dias, a um domingo, estava ele só em casa, ouviu a campainha da porta e foi espreitar ao postigo. Viu no patamar um vulto escuro e perguntou quem era:

— Um padre jesuita! respondeu o vulto com certa intimativa.

Estremeceu para não abrir perante a forma imperativa da resposta. Mas a curiosidade venceu-o e abriu. Era realmente um padre, vestido com a vulgar indumen

— Pense nisso, sr. dr. Lembre-se de que a Compª de Jesus precisa da casa.

E foi-se embora com importancia, como de quem tinha a impressão de ser obedecido.

O Mesquita de Figueiredo não gostou da visita e disse-me que nada faria contra a inquilina; resistiria a todas as deligencias dos jesuitas, mas receiava qualquer golpe que tentassem dar, como por exº a expropriação oficial por utilidᵉ publica ou outra qualquer artimanha.

E andava aborrecido com o caso, tanto mais que pensava em mudar para esse predio no Porto a sua residencia, na hipotese da inquilina morrer. E nesta hipotese lá estaria a braços com a Compª de Jesus com a qual ele não deseja questões.

E assim vamos andando.

A Compª de Jesus já fala claro, já faz quasi intimações de despejo!

E ameáça descaradamente um proprietario, na propria casa, sem qualquer respeito pelos direitos adquiridos.

E sem estar com cerimonias...

Janeiro : 5

Conheci hoje o Godofredo Ferreira, funcionario superior dos Correios e Telegrafos com quem ha m.to me carteava por causa de gravuras, gravadores e notas biograficas de meu Pai e do seu antecessôr no cargo de chefe dos serviços Telegrafo-postais de Coimbra.

Encontrei um individuo de certa idade, já encanecido, mas com aparencia jovial, muito bem vestido, e correcto de maneiras. Logo que lhe disse o meu nome foi muita atitude afavel, como de quem gostava do encontro. Falámos bastante acerca de estudos historicos na generalidade e dos estudos especiais dele acerca da historia dos nossos correios e dos gravadores de selos e postais. Conversa interessante durante a qual ele se mostrou familiar, como velho conhecido e amigo.

Gostei dele. Prometi interessar-me pela aquisição dum retrato do dr. Sousa, o antecessôr de meu Pai. Vamos a ver se verei a sorte de conseguir a almejada fotografia.

Janeiro: 9.

No domingo ultimo, dia 6 do corrente, fui a casa do Saturio Pires, conforme antiga combinação, p.ª lhe ler certos passos do meu trabalho sobre o Baldaque — assunto debatido varias veses entre nós dois por correspondencia bastante curiosa.

O Saturio convidára o Mario Meneses, outro condiscipulo que na Escola do Exercito gosava da alcunha de "Escarrapalhado". São dois velhos amigos, ligados tambem por laços politicos como adoradores do trono e do altar — e a verd.ª é que, apesar disso, estimo-os sinceram.te, talvez pela boa convivencia dos tempos escolares que em geral não esquece, talvez por serem dois homens serios. Não sei; o que sei é que me sentei bem, sorrido. em cadeiras fôfas, a ler-lhes o prologo da obra e outros passos que considerei mais caracteristicos.

Os dois amigos, nos intervalos e em especial no fim, elevaram ás nuvens o trabalho. O Meneses, mais exuberante, com gestos largos, classificou-o de primoroso, mem mais mem menos. E eu fiquei

de apelar para a resolução e mostrar-lhes o exagero dos louvores...

Enfim, palavra puxa palavra e ambos concluíram que o trabalho não podia ficar inédito, que valia a pena ser publicado, etc. etc. Eu expus todas as dificuldades que se levantavam para isso; contei a história das negociações da Comissão de Hist.ª Militar; confessei a escassez dos meus orçamentos; mostrei os inconvenientes do auxílio do marquês de Rio Maior que em tempos me insinuara o seu amável mecenismo; fiz-lhes ver que a obra valia de levar muitas cartas topográficas e gravuras para valer alguma coisa e assim elevaria muito o seu custo; etc. etc.

Eles, porem, não se deram por convencidos e o Menezes, depois dum momento calado e á volta com um cigarro, surgiu com uma ideia:

— Já sei como se ha-de conseguir a publicação!

E expôs o plano: ele e o Saturio são muito amigos do Cripto.º José Vieira que é homem serio e, conforme as expressões favorecas do narrador, uma "joia de rapaz" um "verdadeiro cristal" e outras hiperbo-

les que, aliás, não deixam de assentar bem nas qualid.es do visado. Ora este brigad.º é a pessoa de confiança do actual ministro do exercito e se eu me dirigisse ao Joel e lhe expozesse o caso, o ministro poderia dar solução ás dificuldades expostas.

Eu observei que tudo estava m.to bem mas me parecia o plano um tanto ou quanto incerto. O ministro, de certo, não me iria dar de mão beijada, a verba necessaria p.a a obra e eu não sou pessoa que tenha qualquer especie de influencia ou simpatia nos meios oficiais.

— O plano, meu caro Meneses, é consequencia da tua amizade e da tua boa vontade...

O Saturio, mais prosaico, interveiu, e pôz o problema: o que é que se devia ir solicitar do ministro? Vieram hipoteses e eu, então, lembrei-me duma solução que talvez fosse exequivel: solicitar a restituição á Comissão de Hist.ª Militar, da antiga verba para publicações — e assim eu ~~...~~ ~~...~~ apresentaria á Comissão a minha proposta para o trabalho ser publicado na devida altura.

Eles concordaram e eu senti-me mais aliviado da pressão — pois não estava muito resolvido a ir ao ministro pedir a verba para a publicação e até, in mente, a solução que propus era uma forma de adiamento embora me não repugnasse.

Ficou, pois, combinado eu solicitar do José Vieira uma entrevista e eles, por sua vez, diriam a este o que lhes parecesse conveniente para reforçarem a minha deliberação.

A certa altura entraram umas senhoras; a filha do Saturio serviu um chá com torradas e bolos; fumaram-se cigarros, elas principalmente; e a tarde terminou descontraída, naquele ambiente saturado de monarquismo e de elegancia em que eu seria o unico discordante — se bem que acariciado e olhado com curiosidade amavel. E seriam umas 7 h. a assembleia desfez-se; e eu desci a rua Rodrigo da Fonseca, com o Moreiras, ainda caturrando sobre o Saldanha que era necessario pôr na rua, ou melhor, nas vidraças dos livreiros, p.ª admiração das turbas e gloria do autor...

Ora eu, segundo o costume, não me afressei... Fiquei a pensar nas possiveis consequencias da deliberação e se ela não poderia ser tomada como uma aproximação minha, isto é, tentativa do inconformista pa ra fazer as pazes. O desejo de ver o trabalho na rua não me vencia a repugnancia em tratar com estes homens.

Ontem á noite, porem, o Salvio chamou me ao telefone: então o que ha? perguntou; você já falou com o Joel? Eu desculpei-me conforme pude mas ele insistiu que era necessario não esquecer, etc. etc. e acrescen tou que já falara com o Joel pelo telefone e o avisára do caso.

Hoje, de manhã, foi o Menezes que me chamou telefonicamente e me contou que on tem encontrára o Joel Vieira e lhe fizera o elo gio da m.ª obra e lhe pedira para ser interme diario junto do ministro da necessid.e da sua pu blicação, etc. etc. e terminou por dizer que o bri gad.º me esperava com m.to gosto, etc. etc.

Encontrei-me, pois, perante factos consumados. Tinha que ir falar com o Joel Vieira; o caso já ~~era~~ estava em pontos de não po der recuar decentemente.

Depois de consulta telefonica, lá fui ás 3 h. da tarde ao Minist.º da Guerra, falar ao brigad.º Joel Vieira que eu conheci vagam.te em tempos idos. Recebeu-me m.to amavelmente, disse-me que já sabia do que se tratava e tinha o maior desejo e empenho em me ser util. Conversámos; eu expuz-lhe o plano da obra resumidamente; ele ouviu com atenção e sinais de interesse.

O Joel Vieira passa por pessoa seria no consenso de gregos e troianos; deve ser creatura de intelig.ª vulgar; dedicado, porem, pela profissão em que sempre foi considerado e bemquisto e em que afirmou qualidades de caracter. Creio que nunca teve qualquer interferencia na politica ou por temperam.to ou por calculo e manteve-se sempre com ~~la~~ lealdade perante as muitas mutações que o país tem visto.

Esgotado o assunto, o brigad.º disse-me que a maior dificuld.e seria apanhar o ministro, e entendia que eu deveria expor-lhe o caso abertamente pois estava certo que ele dar-lhe-ia solução. E como ele, Joel, tambem necessitava falar com o ministro, iria saber pelos ajudantes qual o programa do

dia para se estabelecer "o plano de ataque..." E saiu.

Fiquei amodorrado numa poltrona filosofando acerca da m.ª situação. Estava lançado num plano inclinado e já não era possível travar a descida; e pensava que o difícil seria não cair... Quem me mandou a mim condescender com os dois condiscípulos?

Passados uns 20 a 25 minutos voltou o Leripas com ar alegre e desfechou-me logo:

— Viémos parte! Ao chegar ao galinheiro dos ajudantes, entrava o ministro que felizmente é excepcionalmente não vinha com pressa. Expus-lhe um caso de que ele me encarregára e disse-lhe que V. estava aqui e lhe desejava falar a propósito do seu trabalho...

E dirigindo-se p.ª uma porta acrescentou com o mesmo ar amável:

— ... e está á sua espéra.

Não tive tempo de qualquer observação; o Joel Vieira abriu a porta e eu vi, ao fundo do compartimento, o Abranches Pinto levantar-se da secretária e com cer-

lá fresteira, vir ao meu encontro. Estava, pois, agarrado...

Passados os cumprimentos que, da parte dele foram m.to afectuosos, mandou-me sentar numa poltrona, sentou-se ao lado em outra e disse-me com o melhor sorriso:

— Então o meu coronel o que deseja de mim?

Eu expus-lhe o caso desde a sessão em casa do Saturio, e de novo fiz um resumo do trabalho sobre o Saldanha que ele ouviu atentamente e concluí por lhe dizer que se ele resolvesse á Comissão de Hist.ª Militar a verba precisa, eu poderia publicar a obra.

O Alexandrino Pinto, passou a mão pela cara; estêve uns segundos em silencio; e depois olhando fx. mim com vago sorriso:

— Oh meu coronel, não me fale em verbas!... As verbas são o meu calvário, e a Contabilidade...

E com um gesto de desalento concluio:

— ... Temos um ministro doido! Não calcula V... o que são as contabilidades!...

Eu vim de ouvir calado a explosão do ministro que naturalm.te se sentia apertado nas malhas dos regulamentos da Fazen-

da Bublica e não podia aplicar o dinheiro do seu ministério onde melhor parecesse; e calculei que a m.ª deligencia foi inutil.

Mas não. Depois do desacato, o Abranches Pinto disse-me afavelmente:

— O caminho será outro... Conhece o Barros Rodrigues?... esse é que tem verbas de que pode dispôr p.ª publicações... o caminho é por aí.

Como eu dissesse q. não conhecia o gen.al B. Rodrigues, respondeu-me que isso não importava, que o procurasse em seu nome e lhe expuzesse o caso, que seria m.to bem atendido, etc. etc.

Não me estava a agradar muito a solução; não sei se ele mostrou qualquer coisa no meu silencio e na m.ª expressão porque a certa altura levantou-se, foi direito á secretária, pegou no auscultador do telefone e mandou ligar p.ª o Estado-maior do Ex.to

— Vamos resolver já o assunto...

Feitas as ligações, apareceu do outro lado do fio o Barros Rodrigues. De cá, o ministro disse que me mandava falar com ele e mostrou desejos de ver a obra publicada; teve palavras amaveis p.ª mim e es-

parara que o assunto ficasse solucionado como devia. Até. até.

Poisado o auscultador, disse-me com amabilid.e:

— Aqui tem V... o caso resolvido o melhor possivel. E creia que tive m.to gosto em lhe poder ser util, até. até.

Trocámos-se as palavras do estilo em tais casos, apresentei os meus agradecim.tos e ele veio até á porta do gabinete, porta que não fechou nem eu atravessar a antecâmara e abrir a outra porta e nem eu fazer a ménia do estilo ao fechar.

Fui despedir-me do Joel Vieira que também me acompanhou até á escada exterior do ministerio e esperou q. eu chegasse ao patamar fz. nova ménia protocolar.

Desci a escadaria, encontrei-me na darcada e olhei fz. o Tejo onde voávam bandos de gaivotas. Parei um bocado como quem quer reunir impressões...

O que se passou deixou-me atónito e suspeitoso. Como ~~como~~ é que se explica esta atitude dos homens da actual situação deante dum inconformista reincidente como eu? E agora, em que posição fico eu perante

esta gente se na verdade o meu trabalho fôr publicado? Certos pensamentos surgiram e, francam.te, não me sinto muito bem com a m.a consciencia.

Porque tenho de confessar que os homens, e em especial o ministro, não me fizeram objecção de qualquer especie e deram até a impressão de que eu era creatura de pêso na actual balança politica. Reparei até que o Alexandres Pinto quando eu explanava o plano da obra e lhe dizia que não sabia se as m.as ideias acerca do valor de Caldanha seriam as verdad.s, teve esta frase acompanhada de gesto vago:

— Nós todos sabemos as ideias de V.ce... Frase que eu fingi não ouvir para evitar explicações.

Emfim... Agora, deverei eu recuar? Não será o recúo uma desfeita?

Irei ao Barros Rodrigues como se continuou. E então veremos mais fundam.te o problema de consciencia.

Porque, afinal, eu tenho que confessar que, se publico As ideias militares do Marechal Caldanha, foi porque os homens do 28 de Maio assim o quizeram — com a agra-

vante de me não pedirem nada em troca. E depois, ainda por cima, a ideia partiu de dois monarquicos, um dos quais velho partidario do Paiva Conceiro...

Janeiro: 11.

Fui hoje ao Museu Bordalo Pinheiro, ao Campo Grande, p.ª conhecer a sua directora D. Julieta Ferrão a quem prometera, ha muito, uma visita.

Encontrei uma senhora com aspecto relativam.te fresco apesar dos seus 52 anos bem contados; buço pronunciado de que parece não se envergonhar; gorda de mais para a altura que está abaixo da normal. O traço caracteristico, porem, é o olhar, de grande vivêra, de certo fulgôr até, que brilha por de traz duns oculos grandes, em certos momentos da conversa em que é, diga-se, interessante.

Fiquei com a impressão, no fim de quasi duas horas de palestra, de que é creatura muito positiva, pão pão, queijo queijo, destituída de romantismos feminis. Pode ser que me engane, mas é possivel que seja assim, tanto mais que na conversa dá certo tom imperativo ao que diz, não direi dogmatico,

mas de modo seguro, como de quem não admite duvidas.

É' pessoa simpatica, embora aparente certa rescura de maneiras, possivelmente derivada do seu modo de vida, sofre a lidar com varias especies de homens, uns autoritarios (como agora) outros mal educados e outros ainda com laivos dom-juanescos - como é proprio de portugueses.

A conversa versou acerca de variados assuntos: Rafael Bordalo e as suas relações com meu tio João Caet.º, no Brasil; gravura em madeira e meus tios gravadores; as especies raras de Bordalo, de que tenho algumas em Coimbra; etc. etc. — até que se caiu no Reis Santos, actual Director do Museu Machado de Castro.

Disse a sua impressão acerca dele, de quem foi condiscipula nos estágios para director de museu e com quem mantem as melhores relações. É' paleador em assuntos de pintura, especialm.te da antiga; é estudioso e procura cultivar-se; mas tem o defeito grave de se considerar um dos raros paladores de assuntos artisticos em Portugal e de, em materia de opiniões, ser só ele a

ter direito a da-las e, por consequencia, ser a opinião dele a unica acitavel.

Constou tambem que a vida dele tem sido dificil, sem rumo certo, em parte devido a não ter grande feitio p.ª se governar. Quem lhe tem valido ha muito, tem sido o banqueiro Ricardo Espirito-Santo, creatura com periodos de mecênas, mas outros de autentico banqueiro... E assim, cançado de ajudar o Reis Santos ao qual, nos ultimos tempos, ora si ajudava a viver, valeu-se da sua influencia de argentário e recorreu ao Salazar para uma colocação do desgraçado, verdadeiram.te com a corda no pescoço.

Surgiu então a ideia da vaga aberta no Museu Mach.º de Castro; e contra a influencia do Reinaldo dos Santos a quem o ministro da Educação queria mostrar má vontade, abriu-se um concurso sui generis, ora si á capucha, e tudo correu ás mil maravilhas... Em um abrir e fechar de olhos, o Reis Santos encontrou-se director do Museu de Coimbra e o Ricardo Esp.to Santo livre do empecilho que lhe desviava uns coleres dos seus "quadros" orçamentos. E o ministro, ao mesmo tempo, com esta cajadada, ma-

ve dois prazeres: dar um quinán ao Reinaldo dos Santos ao qual ha pouco quiz instaurar processo por causa dum discurso pouco respeitoso p.ª com ele; e fazer uma partidinha ao P.e Nogueira Gonçalves cujo irmão, Inspector Primario, não se tem mostrado docil as prepotencias ministeriais.

Enfim, foi um bôdo...

E a D. Julieta ainda acrescentou que este episódio que poz em fóco o Dr. Reinaldo dos Santos e o Luis dos Reis Santos, fez com que a graçola nacional os classificasse logo de "Santos — o velho" e de "Santos — o novo".

Eram quasi 5 horas, hora de fechar o Museu e eu saí satisfeito com a conversa e com uma rapida visita ás instalações q. D. Julieta tem mantido com amôr de artista e dedicação hoje rára.

Prometi voltar.

Janeiro: 12.

Foi hoje a entrevista com o general Barros Rodrigues, consequencia da conversa com o ministro no dia 9. Fui a casa dele, conforme o combinado, num 5º andar

da armada de Guerra Junqueiro, com en-
trada triunfadora. Recebeu-me muito
afavelmente, disse que na ante-vespera, na
ida a Pancas com o ministro, falaram so-
bre o caso e que estava ás m.as ordens ...

Sentados em boas poltronas, ele ou-
viu-me atentam.te numa larga exposição
da obra. Dei-lhe uma ideia do que ela era,
fiz-lhe ver q. a figura de Saldanha anda-
va m.to mal compreend.a como chefe mili-
tar e que encarada como eu a encarei
dava um novo Saldanha, etc. etc.

. Ora eu sempre vira o Barros Rodrigues
como uma especie de Conselh.o Pacheco do
exercito; homem de enorme talento reve-
lado pelo silencio... Varias vezes indigi-
tado ministro da guerra, mas nunca acei-
tou porque os seus planos eram superio-
res ás possibilid.es politicas e financeiras do
Estado. As suas opiniões sobre assuntos
militares eram profundas, mas nunca se
soube quais eram ... Como Chefe do Estado
Maior General parece que não teve passado
do expediente, apesar de se dizer, quando
foi nomeado, que se ia ver o immenso ta-
lento do homem.

Com estas impressões anteriores não me admirei de ele me ouvir, amavelmente, é certo, mas sem qualquer espécie de reacção. Eu, de mim p.ª mim, dizia: não ha duvida! cá está o Pacheco, o immenso talento do Pacheco!...

Quando terminei, falou então: que me ouvira com o maior interesse e se me não interrompeu foi porque via que estava a ouvir como que uma lição; que eu lhe déra novidades acerca da acção do marechal e que ficára ainda mais empenhado na publicação da obra. Porem, o que a ele dizia respeito, era o problema da forma de publicação — e passou a expôr-me as tres modalidades que pelo regulamento dos Fundos de Instrucção do Ex.mo se apresentavam aos autores nas m.as condições.

Uma era a entrega pura e simples do original p.ª o Estado-maior publicar por sua conta e como entender. Esta, disse, está fóra de causa. Outra era a entrega de um subsidio sufficiente, condicionado á subscripção de o autor dar o n.º de exemplares necessarios p.ª as bibliotecas militares. A 3.ª era a compra desde numero de ex.

empregados pelo preço por que os outros se venderam ao publico.

Eu ouvi com atenção e pareceu-me parecer que a 2ª. modalidade seria a preferivel pois compreendi que o subsidio seria quasi correspondente ao preço da obra. Achei, francamente, muito e só dei por isso, já na rua, quando parecia qual subir novamente ao 5º. andar (embora o excelente elevador) p/ confirmação.

No entretanto, vim de lá com pouco atordoado com a aparente facilidade da publicação e talvez obedecendo áquela formula latina que diz ser facil acreditar naquilo que se deseja.

E ao mesmo tempo com quasi identica impressão á recebida na conversa com o ministro: como disse encontrei em tanta facilidade, tanta amabilidade e tantas mostras de apreço? Ao dar uma volta pelas novas ruas do bairro, pensei qualquer coisa de estranho q. me não deixava pensar com clareza no problema.

O que pairá de tudo isto? Vou pensar com vagar, pois é tudo tão estranho que a cabeça quasi que anda á roda.

E o mesmo problema de consciencia se mantem. Que deverei, afinal, fazer?

E para saber porquê, tenho a mesma impressão, como pressentimento, de que tudo isto virá a dar em nada.

Janeiro: 13.

Ontem á noite, depois do jantar, fui a casa da filha do Ferreira Lima. Pelo telefone disse-me que me queria falar — e eu lá fui e sempre emocionado ao entrar nas salas em que tudo ainda nos fala e grita do bom e querido Amº desaparecido.

Tratava-se dum pedido dum escritor belga, respeitante a certos individuos que viveram na Belgica com Almeida Garrett; e lembrou-se de que no espolio do Ferreira Lima poderia haver quaisquer indicações. A Maria Lina não encontrou referencias e desejava saber se eu as teria nos verbetes — pois sempre ouvi dizer ao Pai coisas extraordinarias e quasi misteriosas a respeito deles... Fiquei de estudar o assunto em Coimbra, quando regressasse.

Depois, a conversa caiu, como não podia deixar de ser, na garrettana e na ida

ou não ida dela para a Facult.e de Letras de Coimbra. Mostrou-me umas cartas do dr. Costa Pimpão um pouco exquisitas, cartas que tratavam do assunto e denunciávam certa dose de máu humôr e impaciencia, aliás justificados.

Na verd.e a Maria Lina, com o seu equilibrio mental bastante abalado, indecisa, dizendo uma coisa hoje, contrariando-a amanhã, sempre numa constante incertera, leva qualquer creatura que não seja amiga como eu e compassiva p.a com aquela infelicidade, a ficar mal humorada e pouco paciente.

E' o que, creio eu, acontece com o professor Costa Pimpão — que já anda aborrecido de tanto "dize tu, direi eu" sem conseguir qualquer coisa concreta. E depois, o Costa Pimpão não me parece pessoa de solidas bases educativas, se bem que na aparencia mantenha as regras mais corteses.

Eu não sei o que lhe hei-de dizer; contemporizo, tanto quanto possivel, porque o seu estado de espirito não está para comoções de certa ordem e menos para decisões definitivas.

Que se ha-de fazer?... Isto tudo quasi por nr.ª causa. Quem me mandou meter em cavalarias altas? E demais a mais com a Faculd.e de Letras!...

Salva-se, porem, a intenção.

Janeiro: 31.

Ha perto de duas semanas metido em casa, constipado, ameaçado de "grippe" e receoso do mau tempo.

Esta Lisboa, mau tro tempo tão ameno no inverno, está apara como outra qualquer terra agreste e desabrida. Os ventos do 28 de Maio que teem feito tanta transformação não foram capazes de fazer voltar Lisboa á velha amenidade...

Mas chega o Poder para tudo.

Depois de muitas audanças, sempre vem um aumento ao funcionalismo, um aumento pequeno, de dez por cento, mas de qualquer maneira, aumento.

O Parlamento nacional tomou conta do assumto tão discutido e contam-se variadas anedotas mais ou menos picarescas. Sobre toda a serie de facécias, arquivo aqui

nas uma versalhada que se poderá cantar com a musica do hino de Fatima, conhecido pela abreviatura de "a miraculosa."

Leis a parodia:

« Oh miraguloso
Antoninho da Estrela,
Sob o teu manto
Tecido em S. Bento,
Faz com que a gente
Veja sem lente
O rico aumento
Dos dez por cento ... »

Aqui fica pelo mesmo preço por que o ouvi. Parece-me, porem, que a reprodução não será exacta. Aqueles tres primeiros versos, sem rimarem, estarão certos?

Aí fica p.ª a Historia.

Fevereiro: 3.

O Cristovão quiz hoje levar-nos até Vila Franca de Xira, para ver a nova ponte sobre o Tejo que ha um tempo p.ª cá constitue a condensação da pasmaceira lisbonense alem de ser o tema de todas as exaltações do sistema

que actualmente, e para felicid.e de nós todos, nos rége e... regerá.

A ponte é, na verd.e, uma boa obra de engenharia, têm certa elegancia de linhas e deve ser de utilid.e não só (e principalmente) para a região como também f.a facilitar as comunicações entre norte e sul. E compreende-se que os actuais homens do governo fizéssem o barulho que fizeram a-propósito da inauguração — pois se têm colhido louros de obras dos outros, com mais razão e mais justiça devem colher os das suas.

No caminho, via-se grande quantidade de carros, quer indo quer vindo, num cortejo que demonstrava bem que a pasmaceira continuava. Lá, a acumulação de viaturas era enorme e uns poucos de polícias de trânsito regulavam o movimento. Era quasi uma parada de forças... nacionalistas.

Enfim, não desgostei de ver a obra; está bem lançada, é ampla e tem certa imponencia. Mas... que demonio! sejamos mais modestos e mais dados ás proporções; o barulho que se fêz não seria apenas politica e poeira aos olhos dos incautos? Movimentou-se meio-mundo e o

outro meio abriu a bôca de pasmo e soltou varios oh! oh! de admiração. Era necessario mais este têma para as costumadas variações de exaltação.

Fevereiro: 5.

O dr. Ant.º Mesquita de Figueiredo solicitou-me um encontro p.ª uma explicação curiosa. Lá fui á hora marcada á Livraria Portugal, rua do Carmo.

O Mesquita de Figueiredo publicou ha algum tempo um opusculo intitulado A caverna dos Alquéves, aros de Coimbra no qual se refére a trabalhos arqueologicos do Vergilio Correa não só no sentido geral como no que respeita áquela caverna. Ofereceu um exemplar ao P.e Ant.º Nogueira Gonçalves o qual, agradecendo em carta, estranhou as referencias ao Vergilio e acrescentou que os amigos que conservam o culto do falecido arqueologo sentiram-se feridos e magoados pela injustiça.

Ora o Mesquita de Figueiredo, perante isto, sentiu a necessid.e de me expôr o caso e fazer uma especie de confissão geral a respeito das suas relações com o Vergilio Cor-

reia, relações que datam dos tempos em q. este estudava em Coimbra, ha mais de 40 anos. Estas relações nem sempre foram boas, periodo houve em q. se deixaram de falar; e o Mesq.ta de Figueiredo relatou-me episodios desagradaveis em que o Vergilio se portou com menos dignidade.

Já não sou capaz, aqui, de os encarreirar; confesso q. o movimento da livraria que me ia distraindo por bocados, fez com que a atenção que prestei não fosse completa — e assim me ficasse somente um rosario de queixas contra o Vergilio, rosario um pouco confuso que me ia aturdindo e desgostando.

E' certo que nunca tomei o Vergilio por creatura impecavel nas atitudes; até bastante pelo contrario. Nestas m.as notas devem ficar muitas provas disso; mas a verdade tambem é que é desagradavel estar a ouvir tão larga serie de acusações contra um homem afinal de valor, que deixou nome em varias secções de estudos e era, pessoalmente, simpatico. A certa altura da exposição de queixas eu senti-me aborrecido; mantive-me cortezmente até q.

o Figueiredo concluiu com esta frase com que pretendia explicar o passo do opusculo que mandou o P.e Nogueira:

— Aqui tem o meu pobre Am.o os motivos que me levaram a escrever o que escrevi. Não me julgo com obrigação de lhe fazer louvores como homem e também de o exaltar como homem de ciencia. E até creio q. fui benevolo...

A hora ia adeantada e eu fiz menção de me retirar. E na verd.e despedi-me impressionado com a conversa.

Terá o M. de Figueiredo completa razão? E' possivel q. não seja completa; infelizmente, porem, fe-la-ha em grande quantidade.

O P.e Nogueira Glz. não conheceu intimamente o Verg.o Correia; só viu a parte feição de arqueologo e de critico de arte e não as suas qualid.es de homem vulgar.

Aquelas, á parte certos erros naturais nesta especie de trabalhos, eram brilhantes; estas deixavam, realmente, a desejar.

Eu gostava dele, embora reconhecesse os senões. Compreendi, por isso, a catilinária do Marquita de Figueiredo, mas sai inco

rodado da Livraria Portugal. Não sei bem porquê, mas a verd.e é que sai incomodado. Coisas da vida.

Fevereiro: 7.
Coimbra.

Regressei hoje a casa, depois de quase mês e meio de Lisboa.

Faz sempre bem o reentrar no seu ambiente, embora muitas vezes ainda necessidade de fugir.

Contradições da vida que nem todos compreendem e eu mesmo não percebo.

Março: 1.

Outrem prestou-se aí ao general Manuel Tofinho q. comanda a Região, uma espectaculosa homenagem por motivo de ter apanhado com a grã-cruz de Aviz.

A Região, toda, isto é, os seus oficiais e graças subscreveram fr.a a compra das insignias que outrem lhe foram oferecidas em solene sessão a q. compareceram autorid.es civis e universitarias sem faltar o bispo, é claro, em lugar especial, como é de uso e costume ha um tempo a esta parte.

Estas homenagens publicas por dá cá aquela palha foram insinuadas ou aconselhadas ha m.to pelo Santos Costa, para assim procurar convencer a socied.e civil do valor dos generais ou comand.tes de regimento e do respeito, consideração e admiração em que são tidos pelos subordinados. E deste modo se arranjam subscrições p.a insignias ou p.a um retrato solene, de mistura com sessões em que se elevam aos pincaros os meritos de todos os que apanham um gráo de Aviz ou medalha de comportamento...

Enfim, são os processos usados por quem não tem mais razões p.a afirmar o valor dos seus homens; é necessario atroar os ouvidos do publico com mentiras para manter a chama sagrada da ditadura.

Ora hoje fui ao Museu Machado de Castro para, finalmente, agradecer ao Luis dos Reis Santos os cumprimentos q. em Julho do ano findo ele me fêz na Livraria Gonçalves como creio ter aqui relatado na devida altura.

O homem recebeu-me muito bem e chegou a dizer, com a voz pastosa e desagra-

daqui que «o Museu e ele, director, se hou-
"raram muito com a visita ... »

Levou-me fº o seu gabinete e aí expoz-
me o plano de organização do museu que ou-
dara, disse ele, muito ao Deus dará ... Fa-
lou-me em salas de biblioteca, de leitura,
de conferencias e ainda em salas de homena-
gens ao A. A. Gonçalves, ao Bispo Bastos
Pina e ... á rainha D. Amelia!

Como a visita era de cerimonia, não
fiz qualquer reparo a esta ultª homenagem.
Guardarei os meus reparos fº outra oca-
sião. Mas o homem vai na onda dos tur-
bularios da rainha jesuitica.

Anunciou-me a proxª organização
do "Grupo de Amigos do Museu" e alar-
mei logo que eu estava na cabeça do rol.
Fiz um gesto vago de indiferença q. não
sei se ele percebeu.

Mas de toda a conversa, um traço sa-
liente que notei foi o do dogmatismo das
suas opiniões, traço que não esconde e q.
me veio confirmar a opinião que dele me
deu a D. Julieta Ferrão, ainda ha pouco, em
Lisboa. Debaixo de certo modo melifluo,
não esconde o tom dogmatico das suas opi-

nuações e acompanha-o sempre com gesto afrofriado.

Deixa-lo lá com tal feitio.

Encontrei no Museu o João Manuel Oleiro, com ares de dono, se bem que, comigo ele não levanta muito a grimpa. Disse-me q. contava ser nomeado conservador efectivo, muito em breve — mas sempre com o ar misterioso e dubio.

Enfim, nada de falsos testamunhos; mas os dois estão talhados p.ª parelha.

O tempo dirá alguma coisa.

Março : 5.

Travei hoje relações com o P.e Aurelino de Jesus da Costa, do seminario de Braga, licenciado em Letras por Coimbra e assistente na mesma Faculdade.

Foi o caso que o Cesar Pegado, ha dias, na Bibliotheca, apresentou-me uma rapariga que se prepara p.ª o acto de licenciatura em Letras chamada Maria da Gloria Fortunato, a qual vai casar com um sobrinho daquele. Esta rapariga prepara a dissertação p.ª o acto que vai fazer brevé e por conselho do P.e Aurelino escolheu p.ª assunto o 3º marquez de Alor-

ma, D. Pedro de Almeida, considerado como organizador militar.

Ora a futura licenciada viu-se embaraçada quando notou a sua falta de preparação p.ª expôr o assunto principal; e o dito P.e Avelino agravou o embaraço com o empréstimo de um caderno manuscrito com cópia de 5 cartas inéditas do marquês, dirigidas ao Príncipe real D. João, entre 1797 e 1799, sobre assuntos de organização militar do país e política internacional. A sua vontade seria recusar tal ~~xxx~~ têma, mas receiou desagradar ao professor, bem como ao dr. Manuel Lopes de Almeida que será o **arguente** no exame e que também a incitou a tratar o assunto proposto.

Foi então que, perante os desabafos da rapariga ao Cesar Pegado, este se lembrou de recorrer á minha magnanimid.e em tais casos e solicitou-me todo o auxilio quer em dados bibliograficos quer, profriamente, em lições relativas ao valor do marquês como organizador militar, ao ambiente militar do tempo, etc. etc. etc.

A licenciando veiu ái umas duas vêzes já; é simpatica e parece-me inteligen

te e menos mal orientada; expor-me as suas duvidas, as dificuld.s que encontrou e a grande vontade de tratar de tal tema, muito fóra dos seus conhecim.tos e da sua preparação universitaria.

Preleccionei, então, largamente acerca do ambiente m.al dos fins do sec.º XVIII, da influencia dos estrangeiros que vieram estruir organisadores, etc. etc. e com auxilio dos meus verbetes, dei-lhe copiosa bibliografia e emprestei-lhe uns livros que a Bibliteca da Universid.e não tem e até uns trabalhos meus em que ha referencias ao tempo e aos problemas.

Parece que ela referiu as conversas ao d.º P.e Avelino Costa. Hoje, indo eu á Faculdade de Letras, ao "Instituto do Dr. Art.º de Vasconcelos", encontrei lá um padre, sentado a uma mesa e rodeado de livros. Homem baixo, magro, aspecto nervoso e algum tanto bilioso, com olhar m.to vivo, com quem trocei as saudações do estilo.

Ao ouvir o meu nome, proferido pelo funcion.º que estava no compartimento, o padre levantou-se e veio para mim amavelmente, dizendo o seu nome. Seguiram-se

os cumprimentos habituais em tais casos e a conversa caiu no ponto que naturalm.te nos aproximou: o marquês de Alorna e a D. Maria da Glória Fortunato.

Nota-se logo no padre, certa riqueza de inteligencia; a exposição é clara e animada; e parece possuidor de vasta cultura histórica, especialm.te medievalista. A conversa, a certa altura, parecia de dois velhos conhecidos e quando se aproximava a hora duma aula, abriu a pasta, pux ou dum opusculo, escreveu qualquer coisa e ofereceu-me...

Era uma separata: Relações de D. Afonso V com Castela e Aragão em 1460 (No V centenario do nascimento da Princesa Santa Joana), na qual fêz uma amavel dedicatoria assinada.

Aqui estão as minhas boas graças dum padre que deve ser pessoa de categoria nos circulos eclesiasticos!... E não se despediu sem me mostrar as salas do Instituto do Dr. Ant.º de Vasconcelos depois do que me acompanhou até á escada.

O homem é, na verd.e, interessante e na conversa foi sempre da maior correcção, limitando-a aos assuntos históricos, sem

(como muitos fazem) deixar transparecer qualquer parcialidade.

Seria sincero?

Autorizou-me a ler o mss. das cartas do Alorna que ele diz vai publicar muito em breve — e deixou-me, afinal, uma impressão agradavel.

Março: 14.

Mandei hoje, para o Barros Rodrigues, os orçamentos relativos ao trabalho acerca do Saldanha. Que cára fará ele?

Os 500 exemplares importam em 34 contos; os 750 em 41. Não fará ele má cara a tanto dinheiro?

Ora hoje, á tarde, os sinos da Universidade dobráram, anunciando morte de professôr. Daí a ½ hora vim a saber q. morrera o dr. Gumersindo da Costa Lobo.

Surprehendeu-me bem triste. Não o sabia tão doente. Estimava-o muito e a noticia fez me impressão.

Era relativamte moço. A saude precária é certo, mas não imaginava tão proximo o seu fim. E afinal, no progresso ambiente em

que me movimento, esta morte produz certo vácuo. Habituei-me á sua convivencia cheia de amizade e atenções e nas proximid.s da velhice isso tem importancia sentimental e afectiva.

Enfim. Continua o cemitério a encher-se. E continuará.

Março: 15.

Foi hoje o enterro do Gumersindo da Costa Lobo. Muita gente e da boa e de todas as classes. Havia em todos uma expressão de desgosto sincero.

O reitor da Universid.e, Maximino Correia, leu umas palavras no cemitério, a seguir ao dr. Ferraz de Carv.o, presid.te de O Instituto; entre outras frases de louvôr, disse esta: «Passou a sua vida sem dizer mal de ninguem...» — frase que parece um tanto ridicula mas q. é verdadeira, perfeitamente verdadeira.

Ora no caminho p.a o cemitério e, lá em cima, enquanto esperáva pelo acompanhamento (porque tomei um taxi) tive por companh.o o velho amigo Alvaro Viana de Lemos. A conversa, a certa altura, cahiu

no Museu Mach.º de Castro e no seu director Reis Santos. Veio á baila a projectada sala de homenagem á rainha D. Amelia, que parece o Reis Santos teima em organizar no Museu, sem uma unica razão de ser mas f.º corresponder ao ambiente politico.

O Viana de Lemos, então, começou a recordar os tempos em que auxiliou o Borges Grainha, no Colegio de Campolide, em 1910-1911, na arrumação e inventario de toda a papelada dos jesuitas que, surpreendidos pela proclamação da Republica, não tiveram tempo de levar ou destruir. E foi então a lembrança de certas cartas do provincial de Portugal f.º Roma a respeito do Bispo-conde de Bastos Pina, que, segundo elas era o unico estorvo á acção dos jesuitas no bispado, por mais pressões que exercessem desta ou daquela forma. Queixavam-se até de que o d.º bispo-conde era dos raros prelados portugueses que contrariavam os trabalhos da Companhia.

A vinda da princesa D. Amelia de Orleans f.º Portugal, descipula querida dos jesuitas veio, foram, modificar o ambiente. Pelas cartas, via-se que a Companhia con-

tava com ela — e não se enganou como, em regra, se não engana.

Coincidiu, então, a campanha, com os desejos do bispo-conde em ser protector das Artes e ficar na historia como bispo magnanimo e magnifico. Isto tem muito que contar e é um caso muito curioso que talvez um dia deixe escrito. O certo é que a rainha soube aproveitar o lado fraco do bispo; conheceu-lhe a vaidade ou os jesuitas lha disseram; começou a auxiliar, com verbas que arrancava aos ministros, as escavações na Conimbriga, a organização do chamado "Museu das Pratas" ou "Tesoiro da Sé", e, principalmente a restauração da Sé Velha — sonho de Antº Augusto Gonçalves q. o bispo quiz levar a cabo.

A rainha abriu brécha, com os seus sorrisos e afabilidades, no liberalismo ou anti-jesuitismo de D. Mel Corrêa de Bastos Pina; este deixou-se ir abaixo e a Companhia encontrou o terreno livre.

A serie de docum.tos arquivados e inventariados pelo Borges Grainha com o auxilio do Viana de Lemos não deixava a menor duvida — como não deixava, tam-

bem a maneira dúvida a acção externa e profunda da rainha D. Amelia por conta da Companhia, minando as atitudes liberais do marido que parecia detestar os jesuitas.

E o Alvaro Leitos concluia:

— Quem sabe se o D. Carlos não casasse com aquele estrangeiro, a Republica se proclamaria... D. Carlos não se aguentou com os reaccionarios, apesar de todos os estímulos liberais.

Enfim... a conversa, f.ª mim, foi instrutiva. Eu tinha a noção de q. a rainha era agente da Comp.ª e de que a ela se deve o renascimento do ultramontanismo em Portugal; mas com aquelas particularidades é que eu não alinava.

E aqui fica.

Março: 16.

O Costa Rodrigues, secret.º geral, disse-me que o Nuno Simões lhe mandara pedir f.ª distribuir por certo num.º de individuos de Coimbra um apelo f.ª colaboração numa edição especial de certa Ilustração Brasileira, do Rio de Jan.º, dedicada ao intercambio luso-brasileiro.

A eterna chuchadeira do intercambio luso-brasileiro!

O apêlo, contido num pequeno folheto m.to bem impresso a côres, é m.to vago.

Não percebo bem o q. eles querem. E o Nuno Simões recomendou ao Costa Rodrigues que me mandasse um exemplar desse vago e confuso apelo.

Vou pensar. Mas parece-me que terei de os mandar á fáva — ao Simões e ao intercambio...

Março: 17

Escrevi hoje a seguinte carta ao João de Barros a quem estão prestando uma serie de homenagens creio q. promovidas pelo Joaquim Manso e amigos mais intimos:

«Ex.mo e Pres.do Amigo:

«Não sei se ainda se recorda do velho "condiscipulo do Licen de Coimbra que esta car-"ta lhe escreve.

«Quiz ir ontem á Figueira confundir-me "com a multidão que o haveria de rodear; a "a saude não me deixou nem o tempo consen-"tiu que fizesse numero como admirador e

"amigo insignificante. Teresa, Dr. João de
"Barros que, desde a Miniatura e do Pomar
"dos Sonhos até ao Flontem, Hoje, Amanhã o
"têm seguido com interesse compreensivo.

«Por isso e por o não poder fazer pessoal
"mente, consinto que da m.ª obscuridade lhe
"mande um abraço comovido; e peço que
"me conte como velho am.º e admirador at.º
"e grato,

«(a) B. — S. — .»

As homenagens parece que estavam p.º
ser maiores. O Estado Novo, porem, por cer-
tos entraves com receio de afirmações poli-
ticas.

Março: 22.

Recebi hoje pelo correio um cartão im-
presso, assinado pela direcção diocesana da
Liga Católica, com um aviso p.ª a desobriga
colectiva dos homens católicos, que se deve
realizar na Sé Nova, amanhã, com a pre-
sença do bispo.

Quem se lembraria do meu nome? O
aviso é a sério ou é ironia dalgum gracio-
so de mau gosto?

Março : 27.

O coronel Alberto Faria de Morais, actual director do Arquivo Histórico Militar, pediu-me há pouco tempo certas indicações respeitantes a um individuo de Agueda que combateu nos prim.os anos da Guerra da Restauração e foi casar a esta vila em 1653.

Fui ao Arquivo da Universid.e e lá encontrei, não sem dificuld.e, certas indicações a respeito do homem — indicações que enviei ao cor.el com carta explicativa e comunicada. Ele agradeceu muito, com palavras até bastantes melifluas, no genero academico; e na carta que hoje recebi propõe-me apresentar na prox.a reunião da Comissão de Hist.a Militar, a publicação num volume só do meu Catálogo e Sumario dos Mss., para melhor consulta e, diz ele, homenagem ao meu trabalho, etc. etc.

Vou-lhe dizer q. aceito. Já o Ferreira Lima falára nisso; e o Cesar Popado, da Biblioteca da Universid., tambem pensou em está fazer a publicação — mas tudo sem efeito. Será desta? Diz o Povo que á terceira é sinal de fôrça...

Eu já creio pouco nestas coisas. A minha má sorte é, como no faduncho, manifesta — e será escusado remar contra a maré.

Março: 30

Amanhã, na Sociedᵉ. de Geografia, por iniciativa da sua secção de Estudos Militares, celebra-se o centenario do nascimento do general Antᵒ. Julio da Costa Pereira d'Eça.

Ha uma sessão solene em que fala o almirante Cerqueira q. comandou o batalhão de Marinha na expedição de 1915 e em que faz uma conferᵃ. o Henrique Pires Monteiro — possivelmente o iniciador e o entusiasta pela comemoração.

O Pires Montᵒ. muitas vezes me tem manifestado admiração pelo Pereira d'Eça e é de opinião de que se devem exaltar estas figuras militares que tiveram qualquer acção no país quer no sentido propriamᵗᵉ. militar quer noutro qualquer. E' muito partidario de todos os louvores que possam caber ao exercito; já me tem dito que fica mᵗᵒ. satisfeito quando vê o meu nome envolvido em noticias de Coimbra re-

lativas a qualquer acontecimento universitario ou qualquer sessão no Instituto, porque, diz ele, isso envolve uma honra p.ª a classe...

Ainda tem essa ingenuidade — e oxalá a conserve por muitos e bons...

Voltando ao Pereira d'Eça...

Nunca considerei este general como creatura digna do nome de chefe e de comemorações publicas. Sempre ouvi dizer que era um vulgar artelheiro, severo em disciplina, e notavel pela arrumação e asseio das casernas e arrecadações das batarias enquanto foi capitão e pelo arranjo e limpesa do material do regimento quando coronel. Era rude no trato, inteligencia vulgar ou talvez menos q. vulgar e como general não deixou traço que o elevasse acima da vulgaridade.

Como comand.te da coluna ao Sul de Angola em 1915 não se mostrou á altura da missão e segundo sempre ouvi contar, só se preocupava com pequenas coisas que vinham revelar o antigo comandante de bataria. Correm, até, muitas anedotas a respeito deste aspecto da sua

personalidade e é certo, mesmo mais do que certo, a tentativa de suicidio, na altura em que viu tudo perdido por causa das suas teimosias sem base.

Não me parece, pois, que seja tipo de chefe e muito menos para ser glorificado como teem feito.

São entusiasmos em q. ha um pouco de intenção de elevar a classe militar como possuidora de valores.

Adeante.

E a proposito, sempre aqui deixo uma anedota que tenho ouvido a varios oficiais que entraram na campanha e, deve dizer-se, sempre da mesma maneira — o que poderá indicar veracidade.

Antes da marcha p.ª o interior, não sei se ainda em Moçamedes, o Pereira de Eça indicou o dia em que a coluna deveria estar em certo ponto do planalto. Varios oficiais e em especial os chefes dos serviços, observaram que haveria dificuld.ᵉˢ em ter nessa data todas as munições e subsistencias no planalto; trocáram-se palavras com explicações até que o general, com um murro na mesa, desesperado pela oposição feita

aos seus planos, disse com intimativa:

— No dia tal, quero toda a coluna no planalto!

— E se não houver que comer? perguntou a mêdo o chefe dos serviços administrativos.

— Que roam na ponta dum côrno!

E fechou a discussão.

Na vespera da partida, o general passou revista ás tropas. O então capitão de Infant.ª João M.ª Ferreira do Amaral, comand.te duma comp.ª, levava no salim da montada, um par de chavelhos bovinos de cada lado, pendurados, bem á vista. O caso foi notado e perante a pergunta que todos faziam o Ferreira do Amaral respondia em voz alta:

— E' a ração de reserva do nosso General!...

Abril: 2.

Esteve hoje aí o Alvaro Viana de Lemos. Conversámos acerca disto e daquilo até que veiu á baila o Luis dos Reis Santos, director do Museu Mach.º de Castro.

E o Alvaro contou-me que ha pouco tempo, numa visita de estudantes universi-

tários ao Museu, visita incluída no pro-
grama de propaganda que ele iniciou, deu-se
o episódio picaresco seguinte:

O Reis Santos, na sala de pintura antiga
e perante uns quadros dos primitivos, fazia
a apologia desses pintores quatrocentistas e
cinquecentistas; e como especialista que é des-
se período em Portugal, teve a exaltação
a ponto de se servir deles para rebaixar a
pintura modernista actual. Ora o Reis S.tos
falava mais voltado p.a os quadros do que para
os assistentes; estes, aproveitando a posição
do prelector, iam saindo surrateiramente
sem fazer ruído — e de tal modo que no
fim da prelecção havia apenas meia-dúzia
de rapazes que ficáram a honrar o bom nº
me...

O Reis Santos quando deu pelo "vácuo,
ficou impressionado segundo contou um
dos rapazes que se mantiveram até o fim.

Razões?

Parece que a principal foi a discordân-
cia da maior parte dos assistentes com a
"careta" na pintura modernista. Mas pare-
ce que também houve uma parte de gro-
tice no caso.

Fosse como fosse, o Reis Santos devia notar que antes de se meter em grandes empreendimentos, necessitava conhecer melhor a terra, os seus costumes e as suas mezinhas e mezinhas-artes.

Assim vai sofrendo um ou outro desgosto e poderá vir a apanhar um ou outro grontafé.

Abril: 7.

Ha alguns tempos recebi uma carta de um medico de Nelas, dr. Antonio A. do Amaral Figueiredo, que não conheço e que agora está fazendo em Lx.ª o curso sanitario, ou coisa que o valha, no "Instituto Dr. Ricardo Jorge".

Por indicação do director do Instituto, o dr. Fernando Correia, dirigiu-se-me para eu lhe indicar fontes onde pudesse estudar e organizar uma monografia medica de Miranda do Corvo — trabalho que lhe foi distribuído no curso.

É isto: eu a tratando de M. do Corvo, cá estou eu p.ª dar o que me levou anos a recolher... Tive vontade de recusar-me com qualquer pretexto amavel; deixei

poreis, passar uns dias para amadurecer a resposta. O homem não tem grandes culpas, afinal; o Fernando Corrêia é que se julgou com direito a dispôr do meu trabalho.

Lá mandei hoje a resposta a um questionário ou programa oficial. Pouco, no fim de contas, informei, porque á monografia interessa a vida actual do concelho e eu da actualidade nada sei. Contudo lá disse umas coisas e dei conselhos.

O homem vai de certo ficar contrariado; o Corrêia ~~[illegible]~~ naturalmente prometeu-lhe mundos e fundos.

Que velha paciencia. Eu também a tenho — e muita.

Abril: 8.

O Cristovão levou-nos hoje, no seu novo «Morris», até Gaia, onde fomos visitar a familia Basto da Veiga. Démos a volta pela Lousã e viémos por Poiares.

Bons locais que ha 50 anos eram para mim quasi maravilhas. Percorri aqueles sitios a pé, a cavalo, em bicicleta, de deligencia á aubipa; conheço-os todos com particu-

saudades e em muitos pontos eu citei á familia qualquer episodio das minhas andanças.

Não sei se poderei dizer a classica frase: «Bons tempos!...» Não sei dizer se foram bons se maus; o que sei é que eram outros e que sobre os annos não me pesavam os annos, os desgostos e os encargos que hoje pésam.

E que bella que estava tudo — as serras, as varzeas, as matas! Que bella que é a natureza e que máu é o mundo!

Esta volta foi p.ª mim um cansaço. Passei na memoria tanto episodio! Os sitios lá estão, na verdade; mas eu dizia, como o Thomás Ant.º Gonzaga, é que não sou o mesmo...

Abril: 14.

Hoje vou passeio a Montemór-o-Velho, que o tempo nos proporcionou.

Os campos estão uma belleza. O verde joujouté dos salgueiraes, do vario arvoredo em fiadas curvas, da herva que rebenta á vontade por toda a parte — era como um constante tapête que se perdia ao longe,

abafado pela neblina da manhã. Conjunto não sei se diga maravilhoso, mas de certo impressionante.

Das muralhas do castelo, apara mais ou menos arranjado, o panorama é para recolhimento. Uma leve neblina esbatia os contornos afastados e os campos apareciam com o tom de verde muito claro, esfumados, como em certas paisagens de fantasia romantica.

Uma belera, em resumo.

Abril : 16.

A Academia Portuguesa da Historia vai a organizar a sua bibliotéca da especialidade e dirigiu uma circular ás gentes do oficio a solicitar livros que correspondam ao fim que teem em vista.

Lá mandei um exemplar dos meus pequenos folhetos históricos, que ainda assim pagáram 5$00 no correio. Pedia, no oficio de remessa, para devolverem os que entendessem que não estavam dentro das intenções dos eminentes academicos.

Vamos a ver se, ao menos, agradecem a rapariga da resposta.

Abril: 21.

Recebi hoje uma circular da Irmandade da Sr.ª da Boa-Morte que pede donativos para a compra duma imagem.

Já há dias recebi um aviso para a confissão colectiva pela Páscoa; agora nem está...

Quem é que se entretem a brincar assim com quem se não mete com ele?

A circular aí fica p.ª memoria.

Terei de fazer declaração publica de que não sou católico?

Maio: 1.

Lestêve aí o marechal Montgomery que veio tratar de assuntos que se prendem com a celebre constituição do exercito europeu.

Que ideia formaria ele dos nossos generais? e do ilustre Santos Costa?

Quando um dia aparecerem as suas memorias postumas se verá o juizo formado acerca destas celebridades.

Uma coisa, porem, notei eu através das transmissões da Emissora Nacional. Quer no almoço na Escola do Exercito quer em Mafra, ele frisou a boa impressão que

lhe deixou o nosso soldado; como homem muito habituado ao ambiente militar, ficou com essa impressão e disse, em resumo, dirigindo-se aos cadetes da Escola e aos oficiais tirocinantes:

— Vocês têm excelente matéria prima. Tudo vai depender de a saberem aproveitar. A responsabilidade é vossa se os não levarem a vitória.

A respeito de comandos, nem uma palavra... Pelo menos a Emissora, tão solicita em transmitir louvores, não nos deu a conhecer a mínima amabilidade.

Seria acaso? Será desconfiança minha? Aqui fica a dúvida.

... Concluído, Montgomery deve ter bom conhecedor dos homens.

Maio: 8

Esteve aí o escritor e jornalista brasileiro Agripino Grieco. Ouvi-o no Instituto onde fez uma palestra com o título: "Como um brasileiro vê a Literatura Portuguesa".

Falou com fluência extraordinária quase durante hora e meia; desde Gil Vicente aos últimos mortos, citou as principais figuras

MESA ADMINISTRATIVA
DA
IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

Sé Nova — COIMBRA

Ex.mo Senhor:

Para cumprimento do superiormente estatuído em tal matéria, pesa sobre esta Mesa Administrativa o encargo da aquisição de uma nova imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, que, destinando-se ao respectivo altar, venha a servir também nas procissões a efectuar por ocasião da costumada festividade.

Nesse sentido, procedemos já às necessárias diligências, reconhecendo, porém, que as receitas normais da Irmandade não comportam despesa tão importante, mesmo acrescidas das esmolas extraordinárias recolhidas no último ano e destinadas à festa que só por motivos alheios à nossa vontade se não realizou.

Nas circunstâncias expostas, mais uma vez recorremos à generosidade dos bons católicos, pedindo-lhes se dignem de contribuir para o fim em vista com os seus donativos, os quais serão oportunamente procurados pelo cobrador habitual, a não ser que os benfeitores prefiram entregá-los a algum dos signatários ou ao Rev.º Reitor da Sé Nova.

Com antecipados e vivos agradecimentos, temos a honra de subscrever-nos

De V. Ex.ª
M.to At.os Ven.dores e Obg.dos
A MESA ADMINISTRATIVA:

José Perestrelo Botelheiro
Manuel Fernandes Pereira
Manuel Gedeão
José dos Reis Bigotte Chorão
António Abranches Martins

Março de 1952.

Foto-Cinearte

Rua Visconde da Luz, 27-1.º Telefone 2708 COIMBRA

Retratos de Arte ★ *Foto Cópias* ★ *Laboratórios para Amadores*

CASA ESPECIALIZADA EM FOTOGRAFIAS COLORIDAS

Il.mo Sr.

.....

.....

.....

literarias, com louvores exuberantes para algumas como Camões e Ant.º Vieira, mas sempre com mostras de conhecimento exacto. A maneira de expôr, certas opiniões pessoais, algumas anedotas com que soube entremear a conferencia, fizeram com que a hora e meia passasse com encanto, sem a menor fadiga.

Para Teof.º Braga teve uma pontinha de má vontade — talvez a única em toda a noite. Ao falar do Canteiro de Flores de João de Deus, livro que classificou de amaneirado e de algum tanto prejudicial ao valor do poeta, disse que isso foi devido á admiração de Teof.º Braga e acrescentou, em voz mais baixa, que ás vezes, a admiração desse senhor foi comprometedora...

Isto, mais palavra menos palavra.

Para os brasileiros, porem, foi fertil em ironias e mesmo troças. Não poupou, até, o "meu amigo velho" Getulio Vargas. Ter sido por vezes a assistencia com as suas graças e anedotas; manteve interesse permanente nos ouvintes; e mostrou conhecimento profundo da nossa literatura, pois certos pequenos apartes não se diziam sem completo domínio do assunto.

Ao Campos de Figueiredo que o apresentou por sinal que em discurso maior do que o caso requeria, chamou "admiravel poeta, extraordinariam.te lido no Brasil. Ao Miguel Torga, que tambem estava presente, dirigiu palavras amaveis.

Foi, na verdade, uma noite cheia.

Maio: 13.

Ontem e hoje, que movimento de carros na ida e vinda de Fatima! Como a ponte sobre o Mondego não dá grande vazão ao transito, a "bicha" de automoveis de todos os tamanhos e feitios chega a atravessar a cidade. Que significa tudo isto? Para onde vâmos com esta onda de falsa religiosidade? Não ha duvida que é avassaladora esta agitação de fanatismo a que se mistura muito de curiosidade; e neste crescendo a que ponto chegarêmos nós?

E' impressionante o espectaculo. Aldeias inteiras, em regra só com mulheredo, e com o padre a dirigir, lá vão em caminhetas, a cantar lôas ao divino; familias acumuladas dentro de automoveis ligeiros, valguns dos quais se avistam creanças, lá vão tam-

bem, com aspecto de inconsciencia, sur-
portar a viagem, a noite fria, o ar agreste do
sitio... O que ha em tudo isto?

Para onde se caminha?...

Maio: 21.

Ontem o Reis Santos reuniu no Mu-
seu Machado de Castro um grupo de profes-
sores universitarios para a fundação do
«Grupo de Amigos do Museu.»

Esta iniciativa parece que é das que
primeiro o Governo pensou tomar. Quando
o visitei, ha tempo, falou-me nisso e dis-
se-me que eu estava na cabeça do rol. A
verdade é que não recebi convite nem
aviso e só pelos jornais é que vim conhecer
o resultado da reunião.

O Reis Santos deixou-se deslumbrar
pelo capelo e borla universitario; e virou
o governador civil e o bispo, os convidados
eram todos professores da Universidade;
é com estes, pois, que ele quer formar o
«Grupo de Amigos» mal sabendo que esta
especie de gente poderá formar somente
um grupo de amigos do diabo. Mas isso
é lá com ele.

O P.e Nogueira Gonçalves com quem falei acerca do assunto disse-me que a Faculdade de Letras projecta adsorver o Museu como anexo á cadeira de Hist.ª da Arte e daqui vem a assistencia que certos professores estão dando ao Reis Santos, emmudando-o de atenções que ele toma a sério. Nesta "campanha" distingue-se o Marcato de Sousa Soares secundado pelo Amorim Girão Director da Faculdade.

E' claro que se a adsorção se dér, o Reis Santos passará a ser apenas conservador do Museu, funcionario da Faculdade, como outro qualquer.

Poderá ser assim. O Tempo se encarregará de dar a razão a quem a tiver.

Maio: 24.

Morreu o jornalista Rocha Martins. Já aqui foi falado uma ou outra vêz, mas sempre quero contar um caso que me relatou o Costa Ferreira na altura em que foi ministro do Fomento — já lá vão uns 40 anos bem puxados.

Foi o caso que um dia o Costa Ferreira foi procurado pelo Rocha Martins no seu

gabinete ministerial. Levava nas mãos um volume manuscrito que disse ser uma documentada diatribe contra João Chagas; e propunha ao ministro a troca do manuscrito por certa quantia de que, no momento, necessitava ...

O Costa Ferreira não era pessoa violenta que, perante tal proposta, tomasse atitude agressiva; estava a vê-lo dizer ao jornalista que não, e a despedi-lo com amabilidade. Quando isto me contou, estava ainda indignado com a proposta e com a admiração do Rocha Miz. perante a recusa — que este parece não esperava.

O homem foi-se embora embaraçado; mas essa tal obra escandalosa creio que nunca apareceu.

Depois disto, nunca tornei a ver o Rocha que agora, com a morte, subiu a alturas onde não vejo subir a gente de caracter...

Junho: 1.

Ontem almocei no hotel Internacional com o P.e António Nogueira Gonçalves e com o secretário geral Ant.o da Costa Rodrigues.

Este almoço teve uma história curta.

O P.e Nogueira entende que o grupo que levou a efeito a celebração do centenário de António Augusto Gonçalves devia manter-se mais ou menos reunido, e continuar com uma espécie de "círculo, como em Lx.a há a «Tábua rasa» e no Porto outro qualquer idêntico. Lembrou até que o "círculo, se poderia chamar Ant.o Augusto Gonçalves embora o nome seja actualmente muito mal-soante. De conversa em conversa veio o propósito de uma reunião, em almoço, dos três indicados, f.o se lançáram bases de acção futura — acção sem estatutos nem séde associativa... mas com o propósito já concreto da aquisição dum aparo de imprensa.

Gosto do P.e Nogueira, parece-me homem sério e, como padre, dum desembaraço escandaloso. Tenho a impressão de que ele deve acreditar tanto na religião que serve, aliás com dignidade, como eu acredito. Mas, neste caso, pergunto eu que andará por de-baixo de tudo isto? Tem sido o entusiasta das reuniões, mas afinal excluiu os outros e só quer o Costa

Rodrigues e eu — excluindo até o bom do Alvaro Viana de Lemos...

Enfim, ontem lá se comeu o almoço na galaria do Internacional, com certo bom humôr e menos má disposição. O Costa Rodrigues, contou episodios que já lhe temos ouvido mt+2 vêzes; o Padre, mais sobrio, insistiu na necessidt de se crear ambiente de convivencia intelectual fóra da grosafia do cafelo e borla; e aludindo á influencia do jornalismo, citou claramente o jornal O Despertar como alvo das nossas atenções futuras. Eu, francamente, estive quasi sempre calado, comendo o menos possivel das iguarias francesas q. vieram á mesa e pensando no que Vido aquilo queria dizer...

Desconfiança?... Não sei. Quando nos separámos e eu me dirigi para casa, parece que trazia um pêso sobre mim. Não era o pêso do almoço, de que pouco gozei; era, até, certo mal estar que não comprendia e não sabia explicar.

A' despedida ficou assente novo almoço no 1º Domingo de Julho...

Junho: 12.

Ha frouco, fui ao fundo da m.ª rua, ver desfilar a procissão de Corpus. Cristi pela rua de Alexandre Herculano abaixo.

Estas procissões de agora não são como as de outro tempo, simples formalidades quasi, que se cumpriam sem aspectos reaccionarios ou intuitos espectaculosos. Estas procissões dos ultimos tempos teem um ruim a afirmação do poder clerical, bem ás claras, para que os incredulos não duvidem.

Lá ia arreiados os colégios femininos, com suas bandeiras; as creadas de servir organizadas sindicalmente; a creançada das "catequeses"; as muitas organizações clericais de S. Vicente de Paula, de S. Franc.º de Sales, de este e daquele, á frente das quais iam damas de representação social; muitos frades e freiras; etc. etc. um nunca acabar de gente submettida ao grande poderio de Roma. E no fim, atraz do palio onde ia o bispo, numa clareira distinta, o governador civil e á esquerda o general da região, um de casaca outro de grande uniforme, e muitos condecorados...

E depois das outras autoridades uma enorme massa de povo, homens e mulheres de todas as condições sociais. E tudo aquilo, desde a creançada no começo da procissão até ao povileu, tudo aquilo cantava lôas ao divino, ou rezava orações em voz alta. E uma infinid.e de padres, alguns de fisionomia que lembrava as caricaturas de Rafael Bordalo, fervilhávam pelo meio, dando os têmas dos cantos ou indicação das orações.

Grande manifestação ultramontana, na realidade.

. Junho: 16

Ontem, na inauguração dum bairro de casas baratas, o Correia Cardoso, presidente da Camara, na presença dum Subsecretario de Estado, começou o seu discurso (que foi o 1.º da solenid.e) por se dirigir a um conego que representava o bispo e dizer-lhe que, como crente, as suas primeiras palavras eram para o representante de Sua excelencia reverendissima, etc. etc. e só depois de bem engraixados os sapatos do eclesiastico é que se dirigiu ao

Sub-secretario de Estado, representante do Estado...

E aqui está como correm as coisas... E o que é melhor é que eu não acredito que o Carneiro Cardoso seja cruel; e ao mesmo tempo fica-se admirado de ele não ter chamado à ordem por quem de direito.

Já ouvi dizer a um padre de coração que estas atitudes são criticadas entre os eclesiásticos como devem ser: isto é, considerou-as falsas e provas de pusilanimidade nada simpática.

Tudo isto é uma vergonha.

Junho: 26.

Morreu ontem em Lisboa o Eurico de Campaio Saturio Pires, meu condiscípulo na Escola do Exército e apesar de completa divergência de ideias, sempre amigo correcto e dedicado.

O aparelho da radio, ás 13 h., ao dar indiferentemente as variadas notícias, lançou a da morte do Saturio que me veio surpreender alguma coisa embora o soubesse bastante arrazado de saude. Foi uma sensação desagradavel a que

recebi, assim quasi de chofre. Mais um da m.ª idade que marcha para o Insondavel ~~...~~ e desaparece.

Este Saturio Pires é um caso curioso de adaptação ao ambiente. Saído do Colegio Militar com fama de certa rebeldia, como estudante do Politecnica emparceirou com a rapaziada revolucionaria e apareceu em casos de zaragatas republicanas. Foi nesse periodo que se relacionou com o Helder Armando dos S.tos Ribeiro e a amizade que então os ligou resistiu a todos os tramlenthões que ambos tiveram pela vida fóra.

Entraram ambos, no mesmo ano, para a Escola do Ex.to, ano em que eu tambem entrei — e aí me liguei aos dois com a facilid.e que as ideias proporcionávam. Eramos amigos, confidenciávamos propositos revolucionarios; cochichávamos certos segredos e ainda me lembro bem da comoção infantil do Helder Ribeiro quando eu lhe contava as embrulhadas secretas de Coimbra, as reuniões dos estudantes e outras coisas romanticas.

O Saturio era mais sereno, mais frio. Ouvia com atenção tudo e fechava sempre

esse um dito de espirito, ás vezes cruel certa agudeza. E apesar, quando 50 anos e mais já passáram sobre esse tempo, lembro-me que essa atitude fosse já certa predisposição para o ceticismo que depois o transformaria.

Saídos da Escola, o Saturio foi para o batalhão de Caçadores nº.5, unidade considerada de escol e de confiança monarquica, comandada sempre por creaturas palacianas e visitada muitas vezes pelo rei e pelos principes. Começou aí a certa transformação no espirito do Saturio Pires que tinha a facilidade dessa transformação a ascendencia paterna e materna, toda militar, cheia de preconceitos conservadores embora dentro dos principios liberais. E assim, a pouco e pouco, com as idas aos paços reais, nas noites guardas de honra; as conversas com as pessoas reais, os afagos de mãos, os charutos oferecidos por D. Carlos, a influencia constante da oficialidade palaciana — tudo foi actuando insensivelmente no temperamento do novo alferes a quem o sangue auxiliava na transformação. Quando em Setembro de 1908 eu estive adido

uns dias em Caçadores nº. 5 com uma com-
panhia do seu regimento de Infantaria 23
que foi tomar parte nas comemorações do 1º
centenario da Guerra Peninsular, tive oca-
sião de falar muitas vezes com o Saturio
antes tambem como eu e encontrei-o tão
mudado em ideias, que evitava falar em po-
litica estando muito agitada já. Compreen-
di que se dera evolução bastante grande
no seu modo de pensar e concluí que o
bom «Parriça», como era conhecido fami-
liarm.te, mudára de ideias e deixara-se des-
lumbrar pela Monarquia.

Lastimei, mas que fazer?

Proclamada a Republica, não houve
talver o cuidado de não ferir susceptibili-
dades; o Saturio como m.tos outros rapazes
perfeitos de fidelid.e ao throno caído foram
transferidos — e aqui começaria possivel-
mente o estado de revolta que o levou jun-
co tempo depois f.a o Paiva Couceiro, com
armas e bagagens.

Honra, honra, lhe seja: nunca atrai-
çoou, como tantos outros, a sua atitude de
oposição á Republica; manteve-se sem-
pre, até á morte, o mesmo combatente

do Paiva Conceiro pela monarquia liberal e parece que não transigiu com a mutação integralista nem foi ao beija-mão ao D. Duarte Nuno.

Quando em Jan.º ult.º estive em casa dele, notei que não havia retratos do novo pretendente; apenas os de D. Carlos e dos filhos — por sinal que bem prox.os do meu ao lado do do Helder Ribeiro, para contrastar com certa graça.

E devo tambem notar que, durante a actual situação politica, nunca se aproximou dos homens dirigentes; manteve-se sempre á margem dos acontecimentos, ganhando a vida conforme podia e sofrendo as consequencias da atitude. E até, ultimam.te, com a lei que reintegrou funcionarios militares e civis demitidos, a unica vantagem que tirou do "bôdo" foi considerarem-no tenente miliciano reformado! Ele, oficial com o curso da Escola, reintegrado como miliciano!

Morreu com a consciencia tranquila. Não manteve as verduras dos 18 anos; mas foi fiel á sua atitude de homem, tomada sinceramente.

Junho: 30.

Hoje, em carta para o Faria de Morais, director do Arquivo Hist.º Militar, desliguei-me do vago compromisso que tomára relativam.te á colaboração para a Revue d'Histoire Militaire.

Estou cançado e não tenho ambições de figurar no estrangeiro. O que desejo é que me deixem sossegado, que me deixem o tempo livre para fazer o que mais me apetecer, ou a ler, ou a pôr em ordem os verbetes, ou a acariciar infantilmente os meus livros...

Não, não quero colaborar no estrangeiro. As nossas "sumidades" militares que o façam. Temos grande reserva de "sumidades" que farão inveja aos outros paises...

Lá foi, pois, amavelmente, uma desculpa e uma declaração de desistencia. E vai duma vêr p.ª sempre.

Julho: 4.

Recebi hoje uma carta do Alberto Meira, do Porto, em que me agradece a oferta da m.ª separata Rafael Pimenta e me diz

varias coisas amaveis como aliás é de uso em casos semelhantes. O que porem estranhei foi ele dizer que eu estava indicado p.ª fazer a hist.ª da gravura em madeira em Portugal, que a devia fazer para assim (acrescentava) « impossibilitar os ~~aue~~ "aventureiros e os vaidosos... »

Para quem irá o remoque?

Estes homens são terriveis mas para os outros. E' possivel que seja o Ernesto Soares o visado — pois este é hoje o ditador incontestado em assuntos de gravura.

Assim será.

Julho: 5.

Terminei a copia, ontem, do meu "monumental" trabalho acerca do Saldanha. Foi uma estafa, fiquei arrazado. Ha uns quinze dias q. não faço outra coisa, e já tenho dado ao diabo a cardada por me meter em tais cavalarias.

Mas agora a coisa tem de ir até o fim, melhor ou piór. E afinal de contas, muitas vezes fico a pensar se a obra vale o trabalhão que me deu...

Julho: 6

Hoje, segundo almoço. Repetição do q. se passou no do dia 1 de Junho p.p. no Hotel Internacional. Boa conversa, sem discussão; as horas passaram sem dificuld.; e desta vez surgiu uma ou outra confidencia...

Mas a verd. é que continuo ainda sem atinar bem as razões que levaram os dois companheiros ás reuniões necessarias á volta duma mesa de hotel. E' certo que se tocou no assunto, que se renovou a ideia de procurar dominar o periodico O Despertar p.a base de expansão de certas direcções e que se falou em agregar um ou outro individuo para ir ampliando a nossa esfera de acção...

Mas para quê?... Qual a acção?... Vagamente o Padre falou nos Rotarios, como vago modelo; o Costa Rodrigues apoiou e mencionou o dr. Pacheco de Amorim como possivel aderente.

Eu saltei logo:

— O quê?... queriam meter-se com o capelo e borla?

Riram-se. Tive a impressão que os dois trocáram uma olhadela furtiva. E a coisa não passou daqui.

Os Rotários... O Pacheco de Amorim... Que diabo quererão eles? Porque não fálam franco? Juntáram-se a ronha canónica (como dizia o A. A. Gonçalves) e a ronha do Homem de Leis?

Esperarei. O Tempo terá que esclarecer o assunto.

Ao chegar a casa liguei o aparelho de telefonia para o Porto, para saber qual o resultado final do campeonato do aqueci em patins. Grande entusiasmo, sentia-se que havia nervosismo, que a tensão nervosa deveria ser grande.

Por fim reuniu o grupo portuguêz; o barulho foi infernal, e o Hino ~~=~~ nacional saiu como q. expontâneo de todos aqueles milhares de bocas.

Confesso que nunca ouço <u>o Portuguez</u> sem certa comoção; lembro-me sempre da manhã de 6 de Outubro de 1910, quando a ouvi, desta casa, tocada por uma filarmónica, na rua Larga, á porta do Governo Ci-

vil... Ora este canto, em unisono, por milhares de vozes, confesso que me comoveu...

Porquê, não sei. O caso do jogo não me preocupava; o que me feriu a sensibilidade foi o canto triunfal, que se sentia entusiastico, forte, e me fez lembrar os arrebatamentos dos primeiros tempos do regime republicano.

Infelizmente, o locutor veiu quebrar o encantamento ao proclamar:

— Estamos numa hora alta de patriotismo!

Coitados de nós!... Uma hora alta de patriotismo...

Pronto, a visão desfez-se.

Julho: 9

Consegui ontem falar ao Correia Cardoso no caso do In memoriam do Antonio Augusto Gonçalves — q. nós pensámos em reunir num dos volumes do Arquivo Coimbrão ao que o Pinto Loureiro como verdad.º dono da publicação se opôz com energia.

Expuz o caso, mostrei-lhe lealmente os melindres do assunto e confiei-lhe a

resolução do problema, entregue ao bom senso e boa vontade, etc. etc.

Ele ouviu com atenção e prometeu interessar-se. Iria pensar na melhor maneira de resolver o problema a contento de todos...

Assim será.

Ora hoje fui ao Torim visitar o Lourenço Chaves Almeida. Vim de lá contristado. A decadencia é manifesta.

Será momentânea? Será a valer? O certo é que causa impressão notar a queda que se deu de ha cinco mêses para cá. Parece desmoronado, ás duas por tres fecha os olhos, sonolento... enfim, um desmoronar a olhos vistos.

Uma tristeza.

Julho: 13.

Acabaram os festejos da Rainha Santa. Assisti á passagem das duas procissões e fiz a comparação com as de ha cincoenta ou sessenta anos.

Como em meio seculo as coisas mudaram! Ha cinco lustros de anos as fes-

tas eram verdadeiramente locais, tinham um cunho local, como era proprio das festanças á padroeira. As procissões limitavam-se ás irmandades e havia certo ar de religiosid.e simples em tudo.

Agora... a onda negra invadiu tudo e sentia-se a tutela ultra-montana em todas as manifestações religiosas. Incomóda-me, até, estar aqui a notar a invasão romana nas minimas coisas que vai transformando as velhas formas das festividades numa triste manifestação de penitencia e disciplina imposta pela Igreja.

O que vale é que os meus 72 anos já prometem não assistir á transformação completa... E ainda bem.

Julho: 14.

Passa hoje mais um anniversario da tomada da Bastilha. Durante todo o dia esperei inocentemente qualquer prova material ou imaterial de que o 14 de Julho era uma data grata aos Portuguezes...

Mas não. E' quasi ½ noite e não senti qualquer sinal de que se dem pela passagem do anniversario glorioso.

3,05

O lêma revolucionario de 1789 é coisa que faz tremer esta gentinha que nos governa actualmente; a onda negra abafa por completo o ambiente — e eu passei o dia inutilmente á espera, quanto mais não fosse, dum simples joguete de tres respostas...

Qual!...

Paz. Mafra.

Julho: 18.

Cheguei ontem aqui p.ª mergulhar por quatro meses neste deserto onde conterei, conforme podér, os nervos e os desgostos.

Encontrei, porem, para diversão, a noticia de que a imagem "viajeira, ou "viajante" da S.ª de Fatima vem dar a honra ao lugarejo da sua passagem amavel. E para cumulo de satisfação desta pobre gente, os atalhos que estavam intransitaveis vão ser reparados com toda a pressa p.ª que não só a imagem encontre pavimentação condigna mas tambem uns carros automóveis que a acompanham e nos quais viajam comodamente uns ilustres eclesiasticos quaisquer, possam rodar sem qual-

que precalços. Vai pois aí uma azáfama no concerto dos atalhos e na arrumentação dos caseiros.

Ora não ha nada como ser a Senhora de Fatima!

Tem-se reclamado á Junta contra o estado dos caminhos que já no anno passado obrigava os motoristas a ficarem na estrada quando nos traziam aqui ou vinham chamados p.ª qualquer serviço — mas essas reclamações foram inuteis. Como a Ex.ma Camara, o mesmo.

Mas veiu a Senhora de Fatima e foi um pronto — p.ª não dizer um milagre...

Ainda bem.

Lisboa.

Julho: 24.

Aqui estou, para acompanhar a Ana Maria nos exames de admissão aos Liceus enquanto os pais não em excursão a Hespanha e Marrocos espanhol.

Vinte e quatro de Julho!... Quem se lembra hoje desta data? Ha, realmente, quem se lembre, mas p.ª a negar. Pois se já houve quem quizesse tirar o Duque de Torcei-

ra da sua graça para não ferir a susceptibilidade do futuro Cristo-Rei que se ha-de erguer em Almada!

De-mais, Lisboa continúa a ser um covil aberto de imoralidades; o movimento nas ruas cada vez mais intenso; a cidade a expandir-se, a crescer sem termo nem medida. Como compreender isto tudo?

Não haverá nesta aparencia de grande metropole uma base falsa? Este movimento compacto, este crescimento quasi sem freios, corresponderão a necessidades da população nacional e a crescente melhoramento de nivel de vida?

Pergunto pouco ou quasi nada destes assuntos e quero crer que haja nestes reparos um pouco de caturrice; mas... não sei se haverá alguma base de verdade nos meus reparos.

Oxalá que não.

E quanto ao Vinte e quatro de Julho... que se lhe ha-de fazer? A nova negra terá o cuidado de afogar estas memorias doutras epocas e nivelar as consciencias pela mediocridade.

E viva o Cristo-Rei!

Lisboa.

Julho : 29.

A filha do Ferreira Lima resolveu sempre rezar uma missa no dia aniversário da morte do pai. Faz, durante o ano, rezar outras missas; mas eu só assisto á do aniversario da morte, que é hoje, e, portanto assim, já não é padre.

Lá fui, á igreja do asylo recolhimento do Rato, hoje séde da Assistencia sobre ~~o~~ erro. Sentei-me, cá ao fundo, numa cadeira quasi em frente da porta, por onde entrava ainda um resto do sol que enchia o pequeno e alegre atrio. Fiquei, sem querer, em condições de observar...

Que curioso que achei tudo aquilo!... Umas freiras vestidas completamente de terceiro faziam a policia do templo e nos degráos do altar-mór havia uma pessoa em attitude de adoração. Muita gente entrada e um constante movimento de entradas e de saídas: mulheres principalmente, de todas as classes, na maior parte creaturas pobres. saiam de casa p.ª as suas compras; algumas deixavam cestos á porta, outras com

ar imponente, pareciam que davam a honra á Dividande com a sua entrada... Mas tambem homens, embora em menór quantidade: desde o operario já vestido com o modesto "fato-macaco" até ao figurão aprumado, com ar grave, cheio de aneis que brilhávam ao meter os dedos na pia da agua benta. Um espectaculo divertido, do qual concluí que raras pessoas ali entraram com convicção.

Lastimo não ter capacid.e para fazer uma descrição literaria, humoristica, do que observei durante a meia hora, pouco mais, que esperei pelo final da missa; seriam paginas de antologia... A hipocrisia, o snobismo, a fatuidade, a ignorancia de toda aquela malta que entrava e saía e que mal compreendia o simbolismo de tudo o que ali se passava! A costumeira, a boa educação, o "bom-tom" e a ignorancia é que ali levavam tanta gente.

Ái daqueles que sinceram.te entravam p.a conforto das suas aflições! Conseguiriam esse conforto? Sairiam mais serênos e confiantes? Encontrariam naquele ambiente o necessario para contrabater as

suas duvidas acerca da Justiça divina?... Seriam muito poucas, raras até, as pessoas que naquele intervalo ali entraram com verdadeira crença; observando bem, a conclusão não poderia ser outra.

Que pena não ter prosa capaz para exprimir todo o meu pensamento, para dar cêr a todas as m.as observações!

Paciencia. Deixo aqui apenas a expressão dum desejo. E viva o velho!...

Paz. Mafra.

Agosto: 15.

Este dia quinze de Agosto traz-me sempre á memoria a mesma dia da minha mocidade, em Coimbra. Noutros tempos era dedicado á festa da S.ª da Nazaré, da Ribeira de Frades, freg.ª de Taveiro ou, mais simplesmente e mais popularmente á «Nazaré da Ribeira.»

Ia da igreja de S.ta Justa uma bandeira, com grande cavalgada seguida de m.tos carros cheios de familias populares mais ou menos devotas mas de facto com a intenção dum dia de folguedo e despreocupação das agruras da vida.

As familias que não iam de romagem acampávam no areal do rio, á sombra dos salgueiros, durante todo o dia; e a rapazia-da ia munida de "papagaios" que deitava ao ar facilmente a meio daquela extensão de areia que no verão vai de lado a lado. Era curioso ver as duzias deles, sobre o azul do céu, agitando levemente as caudas com-pridas, necessarias á estabilidade.

Nós, nesse dia, iamos sempre para a casa de meu tio João, á Guarda Inglesa, pe-rante o panorama da cidade; á tarde via-mos passar o cortejo da bandeira, segui-do de mais carruagens, e rodeado da ra-paziada que ia em busca das canas dos fo-guetes que constantem.te vinham deitando e ao mesmo tempo gritando vivas «á Mãe Santissima!» Era curioso este con-junto que ia engrossando ao passo que se aproximava da cidade, pois as familias que se agrupavam á sombra dos sinceiros ou dos laranjais, vinham p.a a estrada alegre-mente e seguiam tambem vitoriando «a Mãe Santissima!»

Ao som dos ~~ere~~pitar dos foguetes e dos «vivas á Mãe Santissima!» a bandeira entrava

solenemente na cidade, seguia pela rua de Ferreira Borges (a antiga Calçada), para a Sé Justa, seguindo a multidão que a esperava no Largo da Portagem e a que a seguia desde o Almegue, começava a dispersar para as suas casas. Os "papagaios" com o cair da tarde desciam lentamente e ao anoitecer só ficava a lembrança da festa uma serie de fogueiras, ao largo dos salgueirais, onde se cozinhávam os jantares e as merendas alegres.

Era do ritual deixar as fogueiras a arder; aos poucos iam morrendo até que a noite colheria com o seu silencio os restos de cinza que depois o vento espalharia.

Hoje, passados cerca de 60 anos, penso que haveria em tudo uma inconsciente intenção simbolica. Depois de um dia alegre, despreocupado, com aspectos de folias aqui e ali, ficavam umas cinzas que o vento norueste da tarde dispersaria com brandura como que ~~dizendo~~ significando a inanidade da vida.

Confesso, neste dia, lembro-me sempre desse ~~outro~~ dia alegre ... para os outros. Lembro-me bem de que a Alegria, essa

Alegria beneficia e necessaria, nunca, verdadeiramente, se dignou estender sobre mim as suas asas... Ao tempo destes miseros 72 anos, não me recordo de tal beneficio.

E quando já, mais homem, eu assistia ao folguedo, tenho bem presente a tristeza que me invadia. Seria a vaga previsão do que estava para vir?

Adeante.

Paz. Mafra.

Agosto: 19.

. Fui hoje á vila de Mafra e entrei na Escola Pratica f.ª cumprimentar o comandante e agradecer o convite f.º a reunião do curso em Maio ultimo.

Não fui á chamada Porta Sul, verdadeira porta «das armas.» Entrei por uma porta que dá f.º o claustro do sul privativa dos oficiais. Trago este episodio para aqui simplesmente para deixar notado que logo ao portão, na parede da direita de quem entra, estão dois escudetes de madeira com o escudo real, da monarquia, curiosamente formado por pistolas antigas e fuzis varias

partes de que se compunha: o cão, o gatilho, as rodas, as roletas, etc. Quem engendrou aquilo tinha certa habilidade e espírito inventivo — mas ainda o mais curioso é a intenção de quem mandou fazer a obra ou a consentiu.

Fique, pois, a nota: á entrada da Escola Pratica de Infantª reservada aos oficiais, estão dois escudos reais, com corôa e tudo. Emfim. Falta só chegar o sr. D. Duarte Nuno.

Paz. Mafra.

Agosto: 30.

A D. Maria Lima, filha do falecido amigo Ferreira Lima, procura manter o culto pela memoria do pai por varios modos.

Em começos de Agosto, quando estava em Lisboa, entregou-me um album bem encadernado, oblongo, em cuja capa havia em letras douradas In Memoriam e por baixo tambem a dourado o nome do pai. Pediu-me fº eu escrever qualquer coisa a respeito do amigo, pois desejava ali reunir opiniões de todas as pessoas que com ele lidaram e constituir assim um In memoriam intimo.

A primeira página é preenchida pelo Fidelino de Figueiredo e a segunda queria ela, D. Mª Lina, que fosse preenchida por mim. Sensibilizou-me a preferência e vim que aceitar o encargo apesar de não gostar muito desse género de trabalhos.

Enfim, depois de meditar e para corresponder o melhor possível ao desejo da rapariga, escrevi o seguinte que copiei com o cuidado devido na segunda folha do album que por estes dias lhe irei entregar:

«A amizade é sentimento que se não impõe e não se solicita. Nasce de circunstancias muitas vêzes difíceis de determinar.

«Assim a amizade q. me ligou a Mª Regina Ferreira Lima. Não foi imposta, não foi solicitada; surgiu por forma insensível, cresceu naturalmente e foi sólida, leal e desinteressada — sem q. verdadeiramente houvesse grande paridade de temperamento ou assiduidade de relações.

«Vindos, cada qual, de ambiente familiar diverso e com pontos de vista divergentes acerca dos aspectos correntes da vida

encontrámos-nos, foram, pela persistência, dedicação e seriedade ligados aos estudos históricos se bem q. encarando-os com intuitos um pouco distintos.

«E essa fraternid.e de trabalho possivelmente seria uma das grandes bases da nossa amizade que foi, como disse, solida, leal e desinteressada.

«Ferreira Lima era estruturalmente probo, tinha espirito largo e compreensivo — e foi assim facil a amizade crescer e tornar-se solida a ponto de eu o ter como um dos raros amigos seguros em cuja companhia, de tempos a tempos, passava momentos dos mais calmos e mais felizes da vida incerta que hoje desgraçadamente se leva.

«Paz, Mafra: 30 de Agosto de 1952.»

Como disse, não simpatizo com este género de literatura; mas, enfim, não quiz deixar de corresponder aos desejos da rapariga — e francamente, o que aí fica escrito é sincero. O Ferreira Lima era, na verdade, o que se pode chamar um amigo perfeito.

Infelizmente, como era bom, já lá vai há uns anos. E como ele não há muitos e não é nesta altura da vida que se arranjam novas amizades.

Paz. Mafra.
Setembro: 10.

Já por várias vêzes aqui tenho falado no Vitorino Nemésio, actualmente convertido á boa doutrina e entrado no bom caminho.

Ora hoje, no Diario de Noticias, veio um artigo de fundo da sua autoria em que fala do Brasil onde agora gozou uns meses de repouso. Descreve paisagens e refere-se a várias coisas q. não vêem p.ª aqui; a razão desta nota é o seguinte passo do artigo: «... Quando, á hora de laudes, no claustro "de S. Bento do Rio, saindo com os monges "do côro, ouviamos um passarêdo que se "abria nas amendoeiras, etc. etc.»

Por este passo vê-se que o cavalheiro estêve no mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro, e acompanhou os monges ao côro á hora de laudes... Quero crer, mesmo, que seria no mosteiro beneditino que ele se hospedou p.ª economia da bolsa e edificação.

da aldeia — pois ainda deve andar muito sábio de heresia no interior daquelas paragens adustas...

Enfim, não tenho nada com o que faz o Vitorino Nemésio. Tenho, porem, o direito daqui deixar esta simples nota.

E cá fica.

Paz. Mafra.

Fevereiro: 20.

Amanhã fazem no Porto uma manifestação ao Dr. António Luís Gomes. Fui solicitado p.ª dar a m.ª adesão e comunica-la para o Diario de Lisboa. Não sei porquê, não gosto muito dessa espécie de adesões á qual concorre todo o bicho careta que queira dar nas vistas. Fui adiando, adiando, ao mesmo tempo que tinha vontade de dizer qualquer coisa ao velho democrata.

Resolvi o problema com a seguinte carta que mandei hoje pelo correio:

«Ex.mo Sr. Dr. A. L. Gomes:

«Consinto V.. que um velho desconhecido que ha mais de 42 anos anda em comicios de propaganda republicana os dis-

curso de rara lucidez com que contribuiu p.ª o advento do novo regime, venho hoje por esta simples carta, testemunhar a alta consideração e o grande respeito que sempre tive por V... como político e cidadão íntegro.

« E acompanhando sinceram.te a grande massa de portuguesas que anseiam se manifestar, subscrevo-me, com todo o acatamento, etc. etc. »

Não sei se será entregue; mas se for fica assim salva a m.ª participação em mais esta "façada" no Estado Novo.

Paz. Mafra.
Setembro: 28

No Arquivo Histórico Militar vão inaugurar o retrato do Alexandre Carneiro Ferreira Lima que foi o anterior director cerca de vinte e três ou vinte e quatro anos e, penso decerto, até hoje, o seu melhor director.

O Pires Monteiro, sempre solícito, escreveu-me lembrando que no acto da inauguração a Comissão do Hist.º M.ar deveria fazer-se representar solenemente e que cabe dos

seus vogais deveria falar em nome dos outros. E, sem mais nem menos, entende que esse vogal deveria ser eu.

Escrevi-lhe hoje agradecendo a boa intenção e dizia-lhe que não tenho duvida em aceitar o convite se mo fizerem, mas lembrava-lhe que eu sou apenas um pobre vogal auxiliar e da Provincia e que, certam.te, os vogais efectivos não concordariam com tal representação. Alem disso lembrava-lhe tambem que o actual director combinaria a sessão no Arquivo com o Chefe de Estado-maior General e não com o presidente da Comissão de Historia — pois entre o Barros Rodrigues e o "vetusto" Teix.a Botelho, não ha que escolher... Enfim, fiz os meus comentarios como entendi. Ele q. faça o que entender e que dê a sugestão ao velho general conforme diz; mas estou convencido de que nada ganhará com isso.

Paz. Mafra.
Outubro: 3.

Faço hoje 73 anos. Boa conta, já, para quem não faz gosto na vida e para quem, ao lançar os olhos p.a o tempo que passou, pen-

3,06

sa na inutilidade destas sete derênas de aniversarios.

Inutilidade, sem duvida. Meia duzia de brochuras que correm com o meu nome, o que é que valem? Alguem falou delas? A venda foi prometedora? Serviram acaso de base de estudo a qualquer cidadão?

Estas duvidas surgem sem dificuld.e Tudo o que tenho publicado tem-me custado dinheiro que me faz falta para outras coisas. E assim sou levado á conclusão da inutilidade do meu esforço intelectual, com a agravante de que tenho levado uma vida inteira a trabalhar com vontade.

Para nada, afinal.

E fóra desse trabalho intelectual que constituiu sempre uma aspiração — que tenho eu feito mais no sentido util?

Metendo a mão na consciencia... posso dizer que — nada!

Submetido a exigencias do quotidiano, sem querer irritar os outros, em busca sempre da tranquilid.e do espirito e do corpo — a verdade é que não consegui qualquer dos desiderata ~~[illegible]~~ ambicionados. Tudo tem sossobrado perante uma terrivel "má sor-

te", uma constante calixtagem (como se dizia na Escola do Exercito) que ainda me não largou.

Que fazer?... Quando era novo, ouvi cantar uma quadra, ao fado, que começá-va assim: «Quando a sorte é manniversa/ "Nada vale ao desinfeliz..." Lembro-me sempre desta quadra, em muitos momentos desta maldita vida.

Agora, estou a ver que o meu trabalho acerca do Saldanha terá o mesmo destino manniverso dos outros. Com a copia dactilografada já lá vão 1:250$00 escudos e penso que o esforço e a despesa irão esbarrar com as burocraticas formalidades do Estado-maior e tudo ficará em aguas de bacalhau.

Eu nasci numa sexta-feira. Por muito que me queira alhear de superstições e creudices, a verdade é que, comigo, a coincidencia é notavel. E por muito "espirito forte" que queira ser, tenho que me reduzir á evidencia. Com a aparencia duma vida normal e facil, estes meus 73 anos são um conjunto de malaventuras que dariam um tratado de psicologia possivelmente patologica — que eu não saberia

escrever, vão fóra ela estaria dos meus esquecimentos e das minhas possibilidades intelectuais.

Enfim, a verd. é esta: nasci numa sexta-feira. E está dito tudo.

Paz. Mafra.
Outubro: 5.

Mais outra data. Não é para comemorações que ainda recordo a manhã humida e chuvosa de 6 de Outubro em Coimbra, quando estalejaram os primeiros foguetes e ouvi, apagadamente, vindos da cidade alta, os acordes da Portuguesa. Já lá vão 42 anos, mas também é certo que nunca oiço a marcha fúnebre o Hino nacional, que me traz á memoria aquele momento comemorador.

E parece-me que, com a idade, esse estado de espirito se vai agravando e de tal modo que me chego a ridiculizar.

Hoje, neste recanto, não vim nem virei que me comover. A data passará como outra qualquer; e como é Domingo o sino da Basilica tocará fº a missa matinal e tudo se passará na boa paz dos dias de descanço semanal.

A palavra República é mera formula de que se usa por comodidade. E como o patrão disse ha alguns tempos que a monarquia não era a solução que nos convinha, tudo vai correndo no melhor dos mundos e os Portuguezes continuam a acreditar e a confiar no elixir do Estado Novo.

Vêla, porem, maternalmente, a Companhia de Jesus.

Podêmos confiar...

Paz. Mafra.

Outubro: 15.

Hoje, ao ler, com interesse, o romance de Edmond Jaloux, L'amour de Cécile Faupéres, que ha pouco comprei em Lx. por desfastio para ter agui leitura — deparei com uns pas sos que me fizeram lembrar os comentarios aqui feitos no dia 3.

O autor, possivelmente integrado no medico Bertrand Barralbe que escreve o romance em forma de notas diarias, num certo momento da vida destas duridas: «... "les destinées humaines offrent toutes ce ca- "ractère d'avortement et qu'il n'y a que des "ratés. — N'en suis-je pas un moi-même-

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

"rue ? Comment ai-je employé mes jours? "Ai-je ~~donné~~ créé, ai-je donné le bonheur à "quelqu'un, ai-je travaillé utilement? moins "encore, puis-je heureux moi-même? » (1)

Achei curioso o passo e conforme o meu estado de espirito.

Até fica.

Lisboa.

Outubro: 24.

Assisti ontem, na Academia das Ciencias de Lisboa á sessão commemorativa do centenário de D. João da Camara — de quem eu me lembro muito bem.

Era uma figura curiosa, afagada, encolhida, normalmente mal vestida; cabelleira grande, encrespada, sobre a qual usava um pequeno chapeu. Fidalgo pobre, creio que viveu sempre entre dificuldades; e caso estranho, digno de nota: o notavel dramaturgo fº viver decentemente, ~~foi~~ foi conductor de obras publicas — e julgo que, durante a vida, só teve esse modesto emprego — fº o qual aliás o chamava o seu gosto pelas mathematicas.

---

(1) Pag. 114, ed. de 1929, "Le Livre mystique"

A sessão foi o que sempre são as sessões académicas: um misto de seriedade e de ridículo — a que o grande Julio Dantas dá aparato e importancia.

Leram-me lá o facto de a oração da noite ser feita pelo Ramada Curto e isso levaria lá muita gente atraída, como eu, pelo brilho e agudeza que certamente o orador daria ao seu trabalho.

Ninguem se enganou. Se bem que o Ramada não estaria absolutamente á vontade dentro das formulas academicas, a verdade é que a hora e tanto que levou a leitura passou-se sem se dar por isso. Foi, na verd.e, uma oração primorosa pelo conteúdo e pela forma como foi dita. O velho Ramada soube dar relevo especial á leitura, o que nem sempre é facil; e as suas qualidades de orador brilhante e fluente souberam triunfar das dificuldades do ambiente. O tempo passou sem se dar por ele, tão superiora foi a maneira de expôr e a forma por que tratou o assunto — melodica, poderia, coerente, elevada e, segundo me pareceu, exacta nos juizos. O Ramada, que eu não via ha muito, está envelhecido; a cabelei-

ra de outros tempos e de que tirava certo partido quando discursava, desapareceu p.ª dar lugar a uma calva á qual umas farripas brancas ainda fazem companhia amavel; o rosto vincado, envelhece-o bastante; e pareceu-me que, no andar, tinha certas hesitações.

Por debaixo, porem, deste aspecto avelhentado, ainda se descortina a mesma vivera de espirito. Num ou noutro ponto da conferencia ou elogio historico, sentia-se bem que o velho Ramada estava peado pelos severos moldes academicos; uma ou outro chispa brilhante surgia no meio da seriedade da oração, mas subtilmente, sem se dar por isso. Quem não conhece o Ramada e estava a ouvir o academico apenas, não teria feito reparo; eu é que o estava a olhar com os mesmos olhos com que o via ha quarenta e tal anos em Coimbra, cheio de espirito e de graça, ceptico e bem disposto, sempre pronto p.ª comentário alegre e muitas vezes mordente.

Vi que apesar do tempo, mantem ainda a mesma forma elevada e elegante, com ~~[illegible]~~ clareza, com nitidez e poder de

sugestão, como é proprio da sua capacidade de dramaturgo.

O Julio Dantas, ao fechar a sessão, foi o mesmo de sempre: pastoso, solene e banal. Resumiu a oração do Ramada e pretendeu apresentar conceitos proprios de maneira dogmatica.

E pronto.

Lisboa.

Outubro: 26

Ontem, dois encontros curiosos que merecem registo — pelo contraste.

O primeiro foi o do meu condiscipulo Alberto Monteiro, coronel como eu reformado, que gosou sempre da alcunha picaresca de Tinturas de Tornesol. E' sogro dum major ou tenente-cor.l de Engenh.a com o curso do Estado-maior, Andrade e Silva, q. actualmente é adido militar em Paris. E' creatura intelligente, activo, desembaraçado, mas creio que não é caracter do melhor quilate. Ambicioso, sem se preocupar muito com os meios, tem conseguido chegar aos objectivos desejados. Mal o conheço, apenas lhe tenho falado uma vez ou outra

na Revista Militar de que é, ha uns dois anos, director gerente; mas o juizo que ai deixo vem de pessoas e variadas informações que reputo serias.

Ora da conversa com o Monteiro acerca do genro veio o seguinte que é interessante: o rapaz recebeu instruções do ministro do Exercito, e quando se despediu do da Defesa (o Santos Costa) este ficou admirado de ele não ter recebido as instruções devidas no seu ministerio. E como o Andrade e Silva procurasse uma desculpa, o Santos Costa respondeu com qualquer expressão grosseira a respeito do colega do Exercito.

E aqui se vê como andam coordenados os serviços dos dois ministerios.

Em Paris, o rapaz apresentou-se, como era dever, ao nosso embaixador; e como lhe dissesse que trazia instruções para se entender com o conde de Tovar, representante portuguez na N.A.T.O., aquele logo lhe fez ver certa animosidade existente entre os dois e dando-lhe a entender que se via com ele, embaixador, e não com o outro, que o adido deveria trabalhar. O Andrade e Silva, foi, contudo, apresentar-se ao

conde de Tovar, pois trazia essa ordem; e este, para grande relevo, deu a entender que seria com ele, Tovar, e não com o embaixador que deveria trabalhar.

O rapaz escreveu, então, as pazes, contando o caso e dizendo que estava a pensar no que haveria de fazer...

Para onde se haveria de virar?

E aqui está como a nossa acção perante problemas tão graves anda coordenada. Os ministros não se entendem e detestam-se cordealmente; os representantes nas organizações internacionais tambem se detestam cordealmente e cada um puxa para seu lado. É assim vamos.

Depois deste episodio burlesco, estava eu parado em frente dos escaparates da livraria Sá da Costa, ao Chiado, quando me sinto abraçado pelo Augusto Casimiro, sempre o mesmo bem disposto poeta-soldado — que, dipa-se de passagem, me mostra sempre certa afectuosidade quando me encontra.

Estava ele á espera do Fernando Lidade que, de facto, surgiu logo e me abraçou alegremente, como bom e velho amigo.

Informou-me este que tinha em grande adeantam.to a 2ª edição do seu Camões. O Epico e que nele fazia a "merecida" referencia, como prometera, ao meu Camões e as "artes belicas". Sempre atencioso, informou-se dos meus trabalhos, e amavelmente protestou quando lhe disse que estava velho e incapaz de produzir coisa em termos.

Conversámos um bocado e o Casimiro disse-me que andava a trabalhar num estudo acerca da D. Catarina, f.ª de D. João IV que foi rainha de Inglaterra; que o assunto lhe interessava m.to principalmente pelas dificuldades politicas e militares ~~[illegible]~~ creadas pela Restauração, dificuldades que ~~[illegible]~~ se admira como foram vencidas, etc. Quer o Cidade quer eu, incitámos o Casimiro na conclusão do trabalho se bem que eu tenha as minhas duvidas acerca das suas qualidades de historiador. E' poeta demais para a serenidade das buscas, da critica e da imparcialidade nos juizos.

Enfim, quizeram levar-me p.ª uma casa de chá, p.ª a refeição das 5 horas; mas eu aleguei qualquer circunstancia para os deixar sós — pois calculei que se marcá-

raro encontro é porque teriam assuntos p.ª
ra tratar. E alem disso... era escusado
mostrar-me em publico com dois "Grau-
des" — não fosseu julgar-me vaidoso da
companhia.

Lisboa.

Outubro: 28.

Voltei hoje ao Estado-Maior do Exercito
p.ª tratar do meu trabalho acerca do Saldanha.

E' interessante verificar que na repartí-
ção respectiva andam todos ás aranhas a
respeito do assunto. Perante a m.ª pergunta
relativamente ao requerimento que terei de
fazer ao ministro, e ainda relativamente á
quantia que deverei pedir p.ª autorisar a
publicação — ficaram a olhar...

O chefe da repartição, um tenente-coro-
nel Veloso, não sabia, até, qual o regula-
mento que trata destes casos... Desculpava-
se com o facto de estar ali ha pouco tempo
e ainda não estar devidam.te "enfronhado."

Comtudo, devo dizer, que foram todos
muito correctos no trato e cheios de atenções.
Tuer no dia 23 passado, quer hoje, todos
eles me trataram com deferencia — o que

com franqueza, eu não esperava muito. Mas não ha duvida, enganei-me. Hoje, até, o cor.el ou Vice-cor.el Veloso, veio acompanhar-me até á porta do pátio com o chefe da secção, major Henriques.

E ficou assente eu voltar lá no proximo dia 31, p.a lhes dar tempo de estudarem o assunto e descobrirem qual o regulamento que dele trata.

Lisboa.

Outubro: 30

Hoje foi dia cheio. Como ha mais de 50 anos dizia o S.e Simibaldi, na capela das Ursulinas em Coimbra, foi dia «de graça.»

Ás 15 horas sessão na Academia das Ciencias; ás 18½ concerto pelo Rubinstein. Foi, na verd.e, um dia cheio.

Na Academia, a sessão era da classe das Ciencias, e dedicada á memoria do abade de Correia da Serra cujo centenario do fallecimento passou no anno [redacted] anterior. Foi, pois, commemoração modesta, limitada a sessão normal da classe, á qual apenas se acrescenta a autorização p.a entrada de publico que se interesse pelo assunto.

Presidiu o Egas Moniz, secretariado pelo galante D. António Pereira Forjaz. Depois do expediente e das cortesias proprias dos illustres academicos, entrou-se na ordem do dia que eram as comunicações relativas ao Correia da Serra apresentadas pelo dr. Augusto da Fr.ª Carvalho e pelo prof.or Sousa da Câmara.

O Silva Carv.º, com os seus 90 annos, fez larga exposição das relações do Correia da Serra com a Academia. A idade não o deixava falar alto; a sala, a da bibliotheca, é m.to grande; de modo que não consegui seguir com precisão o que elle disse. Comprehendi, porem, que a comunicação apresentava dados novos p.a a vida do velho Correia da Serra, não só na sua actividade academica como tambem no periodo escolar da Universidade. Vi que o Fr.ª Carv.º está ainda com vigor intellectual p.a trabalhos de tal especie, mantem certa riqueza de expressão e é firme no modo de expôr.

Quanto á comunicação do Sousa da Câmara, só direi que deu certamente novidades relativas aos meritos do Correia da Serra como homem de ciencia, em especial como botanico. Expôz, com voz forte e clara, a vida

científica do homem no estrangeiro, cheia de triunfos; as discussões com Cuvier e com Humboldt, em França; as relações na América com Jeferson; etc. etc. Eu sabia do valor do Correia da Serra, mas não sabia tanto.

As sessões da Academia teem o defeito de certos ridiculos; e apesar desta ser presidida pelo Egas Moniz, não deixou de mostrar quanto póde, na casa, a influencia das "cagarrifancias" do Julio Dantas e do seu acolito Joaquim Leitão.

A' noite, o concerto do Rubinstein, que só tocou Chopin, foi uma destas coisas que raramente acontecem na vida. O cinêma Pivoli abarrotava de gente, pode mesmo dizer-se que transbordava. Condições acusticas excelentes. De modo que todos os generos de Chopin que o pianista tocou poderam ser ouvidos com perfeição nas cadeiras do balcão de 2ª ordem que se conseguiu arranjar.

Algumas peças sensibilizaram-me. Senti humedecerem-me os olhos num ou noutro passo; e quando ouvi a sonata em si bemol menor, op. 35, que no seu terceiro

no andamento inclue a marcha funebre, então senti-me francam.te comovido. Fraquezas da velhice.

Mas o homem é, na verd.e, assombroso — quer na técnica, quer na interpretação, quer no relevo que dá a tudo.

Enfim... eu não sei criticar. Só digo que o concerto foi impressionante. E para memoria aqui deixo o bilhete com que eu pagei ocupar • meu lugar num modesto balcão de segunda ordem. E' madeira — mas não faz mal a ninguem.

Lisboa.

Outubro: 31.

Creio que consegui hoje arrumar o caso do Saldanha. Lá fui, como ficou com-

RUBINSTEIN

TIVOLI

30 DE OUTUBRO DE 1952, ÀS 18,30 HORAS

DADOS BIOGRÁFICOS

O nome deste grande pianista é conhecido em todo o Mundo onde um público entusiasta até ao delírio, o aclama em cada actuação como um dos maiores pianistas de todos os tempos.

A sua história é já do domínio público, não havendo ninguém que se interesse por música que não saiba que depois do histórico encontro aos 6 anos com outro grande músico (o violinista Húbermann então com 12 anos) Rubinstein, depois de estudos intensivos em Berlim, estava apto a iniciar uma das mais gloriosas carreiras de «virtuose» de que há memória, apenas com 11 anos de idade.

Romântico por natureza, mas de um romantismo exaltado, este fascinador de multidões tem uma cultura vastíssima interessando-se sobre os múltiplos aspectos da vida humana, sendo um filósofo e um conversador insinuante, que discute pintura, livros, política, com a mesma facilidade com que analisa os mínimos pormenores de uma Sonata ou de uma Fuga.

Disputado por todos os grandes centros musicais, A. Rubinstein quis mostrar a sua simpatia pelo público português, voltando ao Tivoli para esta memorável série de actuações, que ficarão gravadas nesta sala como um dos acontecimentos mais notáveis dos últimos tempos.

RECITAL CHOPIN

Cedo manifestou Chopin tão extraordinárias aptidões para a música que os pais do genial compositor julgaram indispensável fazê-lo iniciar nos domínios da composição musical.

O seu apetrechamento técnico — harmonia, contraponto e instrumentação — foi confiado a J. Elsner, excelente músico e director do Conservatório de Varsóvia, que, por seguir o antigo método contrapontístico baseado nos tetracórdios, acabou por ser mais moderno que a maioria dos compositores italianos e franceses da sua época — compositores do tipo Auber ou Donizetti — e por se aproximar do estilo alemão, mais severo, a que pertenceu Beethoven, e de que descendeu Wagner.

Chopin — muito embora afastado, durante os anos de aprendizagem, dos principais centros musicais europeus — teve, pois, o seu ensino encaminhado segundo o método pedagógico mais eficiente, o que o tornou apto a romper a linguagem melódico-harmónica dos músicos que o antecederam. Não se limitou — o que por si só já seria muito — a alargar espantosamente as possibilidades expressivas do piano; apontou, com a segurança característica do verdadeiro génio, novos rumos à harmonia, à melodia, e ao ritmo, completando o movimento libertador levado a cabo por Beethoven, no domínio da forma, com a renovação da substância musical.

Além de marco fulgurante do romantismo e do nacionalismo musical, Chopin — sobretudo por estar na origem da revolução operada por Wagner, com o cromatismo, e por Debussy, com o paralelismo — é o centro de onde irradiam as arrojadas conquistas técnicas que tornaram possível a música dos nossos dias.

A sua posição histórica impõe-se hoje de modo absoluto como das mais decisivas no fluir histórico da arte dos sons.

Artur Rubinstein, um dos maiores intérpretes chopinianos, presta expressiva, justa e significativa homenagem a este compositor, dedicando-lhe inteiramente o presente programa.

PROGRAMA

I

ANDANTE SPIANATO E POLACA, em mi bemol maior

O *Andante Spianato* foi uma peça originàriamente escrita para piano e orquestra, e mais tarde transcrita para piano solo pelo próprio autor.

É uma *forma-canção* que serve de intrcdução a uma *polaca.*

DUAS MAZURKAS

A mazurka (em polaco: *masurek)* foi criada por Chopin sobre uma dança popular dos Lagos Masuros.

De ritmo ternário, o seu carácter é heróico e cavalheiresco, assentando, por vezes, em temas populares autênticos, baseados em escalas estranhas ao *maior-menor* vulgar.

SONATA OP. 35, em si bemol menor

Grave
Scherzo
Marcha Fúnebre
Presto

Entre a produção pianística de Chopin avultam, pela importância, duas das três sonatas que o genial compositor polaco escreveu para este instrumento.

A que vamos ouvir — em si bemol menor —, interpretada por Rubinstein, é talvez a mais conhecida do grande público devido ao andamento lento — *Marcha Fúnebre* — frequentemente incluído em concerto como peça separada. Este trecho, numa versão instrumental, foi executado em Paris, na Igreja da «Madeleine», durante as exéquias de Chopin.

O primeiro andamento é construído sobre dois temas (o primeiro rítmico, o segundo melódico) precedidos de uma introdução lenta, em quatro compassos, cujo desenho Chopin também utiliza no desenvolvimento temático. Na reexposição não reaparece o tema inicial.

Ao *scherzo,* de corte regular, segue-se a *Marcha Fúnebre,* vasada também nos moldes do *scherzo* (com um *trio* central, melódico).

O *Presto* é uma espécie de *estudo* sem plano bem definido.

II

BALADA, em sol menor

Na música instrumental moderna o termo *Balada* designa peças de carácter narrativo, evocando uma atmosfera lendária, através de apropriados meios predominantemente melódicos.

A *Balada em sol menor,* a primeira das quatro quanto à data da composição, é construída sobre dois temas que surgem precedidos de uma introdução de sete compassos e separados por um breve período de transição. Na secção central, Chopin emprega com frequência passos de grande execução.

DOIS ESTUDOS

Chopin, com a série de 24 *Estudos* para piano, publicados em dois cadernos — o primeiro em 1833, e o segundo em 1837 —, iniciou uma nova era na moderna pedagogia deste instrumento, reatando a tradição de João Sebastião Bach de ligar ao desenvolvimento técnico — ou seja: da execução — a educação estética por meio da elevada qualidade musical e artística dos trechos.

VALSA

Chopin entrou em contacto com o círculo dos amigos de Schubert, quando da sua passagem pela capital austríaca. Aí conheceu os doze *Ländler* deste compositor, compostos em 1823, e que estão na origem das conhecidas valsas de Chopin, tão propensas ao máximo brilhantismo pianístico como a expressões trágicas de dor humana.

NOCTURNO

Nos dezanove nocturnos Chopin segue, mais ou menos livremente, a *forma-canção* instrumental, imprimindo-lhes a seguinte estrutura: Exposição — Parte intermédia — Reexposição. As suas geniais criações depressa empalideceram os nocturnos de John Field, que lhe serviram de modelo.

POLACA OP. 53, em lá bemol

Nesta polaca, antiga dança da côrte que Chopin transformou em curtos poemas épicos para piano, o compositor transmite-nos, numa linguagem plena de exuberância e fogosidade romântica, o seu fervoroso patriotismo rudemente ferido ao tomar conhecimento dos desastres que conduziram ao esmagamento da sua Polónia pelo dominador estrangeiro.

José Atalaya

Piano STEINWAY

Preço 2$50

Tip. E. N. P. - 800 ex. - 30-10-1952

tinado, ao Estado-maior do Ex.to; e quan-
do julguei que os oficiais da repartição res-
pectiva teriam o caso estudado, vi que afinal
apenas concluiram que havia um regulam.to
de 1913 no qual certo artigo q. o major José
Franc.o Monteiro me mostrou, falava vaga-
mente da protecção a obras de caracter milit-
tar. E mais nada.

Eu então, puxando de 1/2 folha de papel
selado, disse amavelm.te ao major que o
melhor seria fazer um requerimento claro
e sem preocupações regulamentares. Ele
concordou — e eu escrevi o seguinte que
aqui fica fl.a minha memoria e para memo
ria das atribulações do pobre Saldanha...

«Sr. Ministro do Exercito. Excelencia.
— F.... escreveu um estudo acerca do Ma
rechal Duque de Saldanha, relativo ás suas
ideias e metodos militares, que deseja va
publicar. Como, porem, pela sua extensão
e necessid.e de mapas e gravuras deve ficar
dispendioso, alem das suas disponibilida-
des e possibilidades particulares, vem requ
rer a V. Ex.a, se assim o entender, a conces
são dum subsidio suficiente para cobrir

grande parte do custo — comprometendo-se a entregar o numero de exemplares que V.Ex.ª designar. E nestes termos, toma a liberd.e de fixar em 25:000$00 (vinte e cinco mil escudos) a quantia que julga suficiente p.ª que o pêso da impressão e composição calculado em 32/33:000$00 (trinta e dois para trinta e tres mil escudos) não recáia todo sobre o autor. Confiado na benevolencia de V.Ex.ª — Pede deferimento. — Lisboa, 31 de Outubro de 1952 — (a) J.P. »

E o requerimento lá ficou com o exemplar dactilografado na 1.ª Repartição, para seguir os seus tramites.

A seguir, subi ao 1.º andar, para falar ao Barros Rodrigues. Com o pretexto de o cumprimentar, ia-lhe dizer que o original estava entregue e que esperava dele a melhor atenção p.ª o caso. O homem estava em reunião com os comand.tes das regiões; esperei mais de meia-hora até que ele apareceu, sorridente, amavel, dizendo que estava aborrecido por me fazer esperar e que suspendera por momentos a conferencia para me atender. Eu agradeci e disse-lhe rapi-

daremito o que queria ; ele respondeu com a mesma expressão amavel que o assunto ficava por sua conta, até. até.

Para o não demorar, despedi-me e ele veiu comigo até ao cimo da escadaria e esperou que eu chegasse ao patamar de baixo p.ª fazer a sua cortezia.

Ao sair, vinha a pensar em todas estas amabilidades e atenções. Tão pouco habituado estou a elas que não sei a que atribuir tal tratamento.

Do Estado-Maior segui para a Revista Militar onde o Pires Mont.º me esperava, segundo aviso telefonico de manhã.

Queria ele contar-me que, outrora, fôra ao Arquivo Hist.º Militar para falar com o director, cor.º Alberto Faria de Morais, a respeito da homenagem que este quer prestar ao Ferreira Lima com a inauguração dum retrato na sala principal e uma exposição bibliografica tão completa quanto possivel, no proxº dia 13 de Dezembro — dia em que o homenageado faria 70 anos se vivo fosse.

O Pires Mont.º continua na sua teima: quer que seja eu o orador da homenagem

com o pretexto de que a Comissão de Histó
ria M.as deveria ter a primazia e de que um
dos seus vogais a deveria representar com
qualquer alocução.

Expus-lhe, novam.te, o que por carta lhe
disse já; mas a verd.e é que ele deixou no Fa-
ria de Morais, segundo parece, certa influên
cia favoravel, afirmando-lhe que eu era um
dos maiores e mais intimos amigos do Fer
reira Lima e possivelmente um dos que me-
lhor compreenderia a sua obra. Segundo o
Pires Mont.o o homem ficou abalado.

Vamos a ver o que sái.

Os jornais da noite dão a noticia da mor
te do Queiroz Veloso com os seus 92 anos já
feitos. Morreu um historiador que não dei-
xa substituto. Toda essa gente que para aí
trabalha em Historia não lhe chega aos calca-
nhares; não passa de um grupo de curiosos
incapazes duma obra solida de conjunto.

Quem são os historiadores?

O que vale essa Academia da Historia
com todo o seu aparato?

A morte do Queiroz Veloso creio que dei-
xa ~~[illegible]~~ em mãos louçais a Historia Portu

guesa. Não é o Damião Peres, nem o Antonio Baião e outros semelhantes que lhe ocuparão o lugar.

Lisboa.

Novemb.º: 3.

Voltei hoje ao Arquivo Historico Militar conforme ha dias combinei com o seu director, Faria de Morais, p.ª tratarmos da publicação em volume do meu Catálogo e Sumario, já aprovado pela Comissão de Historia Militar.

Lá se combinou, mais ou menos, o plano da publicação que o Faria de Morais ainda quer fazer seguir neste ano economico. O homem mostra-se, comigo, duma estrema amabilid.e, não sei bem devido a quê. Não nos conheciamos e, até, o nosso primeiro encontro foi desagradavel devido a um incidente que eu tomei por menos correcção da parte dele — aliás explicado satisfatoriamente. A verdade, porem, é que se mantem sempre em atitude de respeito e as palavras com q. me cumprimenta são sempre de "venerador atento e obrigado..."

Não sei ainda definir bem o homem. Fisicamente, é, á primeira vista, desagradavel; cara ordinaria, avermelhada, com sorriso de mar em quando fóra de proposito que faz suspeitar intenção de troça; a voz um pouco aflautada que não sôa bem, uma maneira de falar arrastada, com circumloquios, acompanhada de quando em quando do tal sorriso q. se não percebe. Intellectualmente, não me parece grande coisa; elle mesmo confessa que não tem categoria p.ª dirigir o Archivo, que "não sabe como ali foi parar" — mas sempre vai dizendo, paralelamente q. procura cumprir e que quere fazer alguma coisa de util. E na verdade parece q. foi elle que, pela persistencia e progressivamente influencia clerical, conseguiu a mudança do Archivo p.ª a actual installação que, sem ser optima, é incomparavelmente melhor do q. a anterior. Ao mostrar me as salas do estabelecimento, falou com tal segurança em verbas promettidas para obras e melhoramentos que me deu a impressão de que o homem tem boa lampada acêsa em Méca; e ao mostrar-me uma das salas ainda incompletamente arranjada, disse

me com a maior naturalid.e que a destina va para o arquivo do Conselho de Guerra ainda na Torre do Tombo...

Assim seja. O Ferreira Lima, com os seus acanhamentos e os seus receios, nunca conseguiu coisa semelhante. Este director embora diga, como me disse ha dias, que era "um simples oficial de Cavalaria" e nada mais, parece que quer fazer valer-se e sobrepôr-se ao antecessôr. Ds. riem será.

Mas, voltando ao começo: estabelecida a combinação relativa ao Catalogo e Sumário, o Faria de Morais veiu a falar da proxima homenagem ao Ferreira Lima. Contou-me que ouvindo varios amigos do seu antecessôr com o fim de se orientar devidamente, chegou á conclusão de que se não orientou... Cada qual apresentava sua ideia e ele concluiu afinal que o melhor seria reduzir a cerimonia a termos simples, modestos, que não iriam alem duma pequena alocução dele, director, do descerram.to do retrato e da visita á exposição bibliografica. Um dos amigos do Ferreira Lima que ele não nomeou, era de opinião que se convidasse o Julio Dantas pa-

ra um discurso de abertura; outro, que tam
bem não nomeou queria certo academico no
tavel cujo nome não disse; um terceiro ajun
tava outra celebridade; e ainda o Pires Mon
teiro queria que fosse eu... Perante tão di
versas opiniões, entendeu ele, Faria de Mo
rais, que afinal, como director e dono da ca
sa, seria a pessoa indicada p.ª abrir a sessão
e dizer as razões da reunião.

Perante a minha concordancia, que pa-
rece lhe agradou, terminou por pedir-me
uma nota dos topicos principais que ele de-
veria tocar na alocução de abertura; como
~~eu~~ confessou que só falára uma vez com
o Ferreira Lima, tinha as suas duvidas so
bre o seu valor e as suas qualidades — se
bem que logo a seguir, em frases breves, me
deu um esboço mais ou menos verdadei-
ro do que ele valia como investigador, co-
mo trabalhador consciencioso, dedicado e
probo, sem vaidades ou orgulho.

Ao sair do Arquivo, enquanto esperá-
va electrico á sombra das colunas da frontã
ria do Museu Militar, fiquei-me a pensar
nas contradições do homem que declara
do-se um "simples oficial de Cavalaria", e

nada mais, que dizendo ignorar o valor do Ferreira Lima, q. afirmando querer ouvir os amigos deste p.ª se decidir, etc. etc. acaba por tomar resolução sua, por expôr um juizo mais ou menos exacto sobre o homenageado e por me pedir uma especie de sebenta p.ª fazer a sua alocução...

Ligando todas estas coisas, fiquei um tanto ou quanto indeciso — mas pareceu-me que poderia concluir que o Faria de Morais deve ser um grande gajo. Aquele tal sorriso fóra de proposito tem que se lhe diga; não ha duvida, o homem é um grande gajo. E pronto.

Esquecia-me de deixar notado que ele me disse que o Chefe do E.M., o Barros Rodrigues, lhe telefonara p.ª o avisar de que lhe ia mandar o meu Saldanha para que, segundo as formalidades burocraticas, fosse um dos informadores acerca dos meritos da obra... Eu apenas lhe disse:

— Fica em muito boas mãos...

Ele, com o tal sorriso fóra de proposito respondeu:

— Perdão, meu Coronel. A honra é para mim.

Lisboa.

Novembro: 5

Voltei á Revista M.ar para dar conta ao Pires Monteiro do resultado da conversa com o Faria de Morais. Ficou desolado e um tanto ou quanto desapontado com a resolução do homem que implicava menos importancia pela sua sugestão.

Eu estive p.a lhe dizer que se não deveria ter metido onde não era chamado, principalmente em assuntos que poderiam incluir certos melindres e beliscaduras de vaidades. Calei-me, foram, port.p. notei claram.te que ele ficou desolado.

Nisto entrou o Raul Esteves, o ilustre e complicado general, meu contemporaneo da Escola do Exercito, hoje figura primacial do regime. Vinha tratar com o Pires Monteiro qualquer assunto da Revista, mas depois ficou á conversa, amenamente, dando opiniões acerca de certos sucessos do momento, como a eleição do presid.te da Republica americana, a vinda do braço de S.to Franc.o Xavier até Lisboa, o problema monarquico em Portugal, etc. etc. Este ilustre general Raul Esteves é, naturalmente, um

«estaferno», verdadeiro «estaferno.» É inteligente, tem capacid.e de trabalho e de organização, mas é um grande «estáferno.»

Da conversa quero fixar dois passos curiosos que o definem bem.

Ao falarmos das eleições p.a a presidencia dos Estados-Unidos da America e ao compararmos com as feitas ultimamente em Portugal o Estéves dissertou acerca da liberd.e do voto com certo espirito e chegou á conclusão da vantagem do nosso sistema eleitoral porque «elegia» um parlamento bem educado... Perante a nossa reacção que incluia alguma incompreensão da frase, ele explicou:

— Bem vêem... Nesta Assembleia Nacional todos se portam bem, com a devida educação... Ha tempos, uma minoria dizia, quando se fez a revisão constitucional, declarou-se monarquica; outra minoria declarou-se republicana... Mas o resto ficou calado como devia, isto é, com a compreensão daquela boa regra da boa educação de que, enquanto se come não se fala...

Rimos-nos; eu lancei um olhar de esguêlha p.a o Pires Monteiro — e ambos vi-

vemos a mesma ideia e mentalmente fizémos o mesmo comentario: este Raul Esteves tambem pertence ao numero dos "bem-educados", pois desde que está a comer e a comer bem, não fála... E assim léva a sua reforma "com consciencia" e vai passando a methica tranquilamente.

Depois, veio á conversa o caso do braço de S. Francisco Xavier, trazido em triunfo a Lisboa — não se sabe bem para quê. O Raul Esteves comentou com aspereza este episodio de superstição religiosa (sic) e disse que se ele mandasse, a guarda de honra que recebeu no Campo Grande a reliquia não devia ir armada com espingardas ou espadas, mas sem qualquer especie de armamento. E garante qualquer interrupção do Pires Monteiro explicou:

— Bem vês que foi um braço de São Francisco, o mais natural é que a guarda de honra apresentasse as armas do dito santo...

Rimos-nos outra vez. Nova olhadela de soslaio com o Pires Monteiro, pois ambos nos lembrámos que, pouco antes, o dito Raul Esteves dissera que era sincero

catolico apostolico romano... E como sincero catolico pretendia que á reliquia vinda de Roma com todas as honras se apresentassem as armas de S. Francisco!

Onde está a coerencia e a seriedade destes tipos? No começo desta nota chamei ao Raul Esteve, modestamente, um «estafermo.» Talvez seja mais verdad.º se lhe chamar um «estupôr...»

Lisboa.

Novembro: 11.

A D. Maria Lina chamou-me ha pouco ao telefone p.ª me dar conta da visita que o Faria de Morais, director do Arquivo Hist.º Militar, lhe fizera para expôr o plano da homenagem ao Pai.

Já aqui falei por varias vezes acerca do coronel e da homenagem ao Ferreira Lima. Pois agora o homem aparece, ~~[illegible]~~ depois de varias hipoteses e consultas, a decidir fazer a homenagem de modo bem diferente embora mais completo e, diga-se, justo.

O Faria de Morais continua a ser, para mim, ainda um problema.

Mas enfim: expôz ele á D. Maria Lina que convidaria o Presid.te da Republica para presidir a uma sessão solene, durante a qual o retrato seria descerrado; que ele diria rapidamente as razões da sessão e q. o general Barros Rodrigues faria a seguir o elogio do homenageado; e que depois se exporia ao publico a colecção bibliografica sem outra qualquer cerimonia.

E' claro que a D. Maria Lina ficou muito satisfeita com a noticia, pois assim a homenagem teve maior repercussão e teve outra solemnidade. Eu tambem concordo com esse conteutamento e igualmente achei bem que se désse á sessão maior brilho e projecção com a assistencia do Presid.te da Republica, ministros, etc.

O que estranhei foi a maneira como o Faria de Morais resolveu o caso; e com o que não concordo é com a escolha do Barros Rodrigues f.º a alocução central. Parece-me que o cor.el Morais andou a caçar comigo quando me consultou e me afirmou os seus propositos respeitantes á homenagem; será, da m.ª parte, desconfiança e tudo se seguiu como era natural?

É possível q. assim seja e eu ande um pouco desconfiado com o homem. Mas o certo é que ele continúa a ser, para mim, e ainda, um problema.

... Problema cuja solução não terá importancia por aí além.

Paz. Mafra

Novembro: 17

Como em 3 deste mês o Faria de Morais me pedisse e eu deixei combinado aqui, mandei hoje a nota relativa aos principais topicos que deveria tocar na alocução que deverá fazer na prox.ª homenagem ao Ferreira Lima.

A nota é a seguinte:

«Bondade. — Modestia — Desinteresse pelas glorias — Espirito de justiça. — Seu juramento proprio para a investigação. — Capacidade e probidade no trabalho. — Persistencia e equilibrio na investigação.

«Como director do Arquivo Historico: Competencia. — Interesse pela sua valorisação — Interesse leal pelo trabalho dos colaboradores.»

Mandei-a porque lha prometi. Estou convencido de que não servirá para coisa alguma.

Coimbra.
Novembro: 24.

Cheguei anteontem e já tenho que deixar aqui a nota triste da morte dum velho companheiro de estudos do Liceu: o Carlos Baltino Dias.

Conheci-o quando ele veiu do Brasil, com o irmão Manuel, para seguirem os estudos em Coimbra. Era de S. Luís do Maranhão e o natural acanhamento de quem vem de longe e o aspecto de saudade que todo o seu exterior lançava, fizeram-nos aproximar dele — tanto mais q. muitos rapazes o troçaram pelo sotaque brasileiro e pelo feitio especial do pano da sua capa e batina nova em folha.

Nasceu, pois, certa amizade entre nós e nele teria, de certo, o último reconhecimento pelo condiscípulo que o acolhia com afectuosidade e não fazia côro com os energúmenos sempre dispostos á chacota. Ficámos companheiros constantes e durante anos a con-

vivencia tornou-se íntima e os nossos encontros, á tarde, p.ª passeio, em.tas vezes com o Mario Soares Duque (que morreu Juiz do Supremo Tribunal) eram motivo de expansão de ideias, de confidencias e de alegria.

O tempo foi passando. Quando voltei da Escola do Exercito ou tomar nas férias que sempre vinha passar a Coimbra, visitava-o na republica no Largo da Feira, conversávamos alegremente. Nessa altura andava pelas republicas uma certa rapariga, que era conhecida pela Maria de Verride — bela rnocetona, de olhos verdes claros, estatura de corpo, busto altivo, cólo perfeito, uma altivo completo. Encontrei-a em.tas vezes, ao entrar no quarto deles, sentada nos joelhos do Manuel, nas atitudes naturais de preferida e animada.

A rapariga era daquelas que se poderia classificar de «pancada alta»; tinha olhar brilhante e maijo; etc. etc.

O certo é que com o rodar do tempo o Manuel deixou-a por causa do namoro que tinha, a sério, com uma senhora que morava em frente e com quem veio a casar; e a Maria de Verride pouco depois

desaparecia das republicas e eu não voltei a vê-la — e, como tudo, esqueceu.

O tempo continuou a rodar; e uma vez, ao passar na estrada do Porto, na pequena ladeira sobranceira á estação dos caminhos de ferro, vi á janela duma casa modesta ali recentemente construída, e com uma creança ao colo, a Maria de Verride, com outro aspecto já, talvez ligeiramente emagrecida, ar de certo modo triste — mas ainda com os olhos magnificos que me admiravam uns anos antes.

Eu ia a comandar qualquer força militar p.ª exercicios ou carreira de tiro. Olhei apenas e... moita! Concluí que alguem a tirára da vida airada em q. andava e a presenteara com um filho. E' o destino de muitas; mas eu quiz ver no brilho magnifico dos olhos uma vaga saudade dos tempos da pagodeira das republicas.

Enfim, vim depois a saber que o Carlos Balbino Dias, seduzido pelas qualidades da rapariga a pozera de casa e pucarinho e que dessa casa e pucarinho nascera mais tarde um garôto que o veiu a prender definitivamente.

Com o nascimento dum segundo filho o Carlos Dias ficou enleado e casou... A Maria de Verride passou a ser a esposa do medico especialista Carlos Dias, em breve consul do Brasil em Coimbra e pessoa considerada na socied.e culta local.

Infelizmente p.a ele e com grande magua p.a os antigos amigos, este casamento foi a causa de lenta mudança no caracter do Carlos Dias. A acção constante da mulher foi-o abastardando; começou a desleixar-se na clinica em que era m.to considerado; e a insistencia com que passou a frequentar as igrejas, mais como beáto ou monomaniaco do que como crente normal, começou a torna-lo reparado e suspeito. Com a extinção do consulado brasileiro e o abandono da clinica, entráram, naturalmente, em casa, as dificuld.s de vida — e começou então um periodo de expedientes q. acabou por quasi o desclassificar.

Pobre rapaz! E sempre com ar alegre, bem disposto, como de quem vive á larga e feliz. Ultimamente a vida dele era um misterio — e por fim, uma doença um pouco misteriosa fe-lo sofrer largos e

a tantos quilos até que morreu há dias, a 22 deste, segundo creio.

Pobre Carlos Dias...

A notícia fez-me recordar tempos q. lá vão; e muito mais diria aqui se não fosse o íntimo receio de ser indiscreto perante uma sepultura ainda mal fechada. Pobre Carlos Dias!

Coimbra.

Dezembro: 4.

Recebi hoje da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto um convite p.ª representar a agremiação na proxima homenagem á memoria do Ferreira Lima em Lisboa.

Quem seria de lembrança? Suspeito do Alberto Meira. Ou seria do Alfredo de Magalhães?

Fosse de quem fosse, fiquei grato, mas respondi logo, o mais amavelmente possivel com os agradecimentos devidos e com a informação de que não vou á homenagem.

Terão de escolher outro qualquer.

Coimbra.

Dezembro: 5.

Fui hoje ao Porto ver o Lourenço Chaves Almeida.

Deixei-o no verão muito em baixo, muito decaído. Agora achei-o talvez mais animado, com a persistencia constante de ha poucos, com mais precisão na carreira. Apesar de tudo, porem, a decadencia parece acentuar-se sem remedio.

Coimbra.

Dezembro: 12.

Recebi hoje um cartão do meu genro, o tenente de Sousa Lima que me diz ter ido ao Estado-Maior do Exército tratar de assuntos relativos á bibliotéca do Colegio Militar e ver visto na mesa do oficial com quem falou os dois volumes dactilografados do meu estudo sobre o Saldanha. A curiosid.e levou-o a perguntar se o caso estava resolvido; e o oficial com quem falava (que era o Americo de Mendóça Frazão, meu subalterno no regimento 7) mostrou-lhe o relatorio do coronel Banazol, do Est.o Maior, o primeiro cursôr a ler e apreciar a obra. Nesse rela-

tário havia, diz o Cristovão, frases como estas: «trabalho honesto», «boa forma literaria» e «redação excelente de Hist.ª militar muito digno de louvor» etc. O Frazão explicou q.º o assunto ficára demorado porq.º o Barrozo fôra a Elvas em serviço, etc. etc. mas q.º ia seguir os trâmites devidos.

Vejo com satisfação que no Estado Maior ha quem aprecie a «boa forma literaria.»

Estamos m.to adeantados.

Coimbra.

Dezembro: 13.

O dia de hoje foi declarado oficialmente o dia do cégo. Dia de S.ta Lucia pelo calendario cristão. O governo lançou mais ofensiva á bolsa particular.

— Temos q.º salvar os cégos!

— Temos q.º dar aos cégos meios para serem uteis á Societ.e!

Etc. etc. E vá de fazer greves pelas ruas, de assaltar as casas comerciais, de mil e uma maneiras de o Estado se esquivar afinal ao seu dever.

E pronto.

Coimbra.

Dezembro : 14.

O jornal de Coimbra O Despertar traz ha pouco uma campanha a favor da reabertura da Escola Livre das Artes de Desenho na velha séde da Torre de Almedina. Uma série de artigos escritos por Adolfo de Freitas, antigo aluno na Escola Brotero do Ant.º Augusto Gonçalves e actualmente no Porto desenhador (creio eu) dos Caminhos de Ferro vem batendo o ferro.

Ultimamente levantou-se o boato não sei se fundado, de que a Camara, dona da Torre, ia ali abrir quaesquer secções dos seus serviços; parece que o Alberino Marques que dizem ser o principal promotor da campanha, avisou o Freitas e este voltou á estacada com artigos inflamados.

Diz-se, não sei se com verd.e, que este Alberino Marques, bom artista serralheiro, e outros artistas da moderna geração, pensam em q.e a reabertura da Escola Livre lhes traria um ascendente no ambiente artistico de Coimbra — pois seriam naturalmente os indicados dirigentes da instituição e possivelmente os professores.

Ora acontece que este Adolfo de Freitas a proposito duma explicação q. nada tinha com a Escola Livre escreveu-me e na carta pedia-me a opinião acerca da campanha e perguntava-me se eu o não quereria apoiar. O rapaz não queria a coisa por menos — desejava um aliado de mais pêso...

Estive, vai não vai, p.ª lhe não responder; mas por fim mandei-lhe a epistola que aqui vai copiada:

«.... Desculpe só agora responder á sua carta q. agradeço muito. E farei o possivel para, na prox.ª vinda do artista seu amigo a Coimbra, não faltar á exposição.

«Leio sempre os seus artigos a respeito da Escola Livre e colecciono-os como documentação para futuro. E já que me pede a opinião repetirei o que tenho dito em conversas com amigos e até proclamei em publico numa sessão em honra do Mestre Gonçalves em Março de 1948 na Associação dos Artistas:

«A Escola Livre teve o seu tempo e cumpriu bem a missão p.ª que foi creada.

O que se poderia e deveria fazer era transformá-la em Casa de Ant.º Aug.º Gonçalves para «perpetuar a memoria do Mestre» e como meio «exemplo de vida util» que cumpria lembrar. Seria assim centro de convergencia de artistas, de certa utilid.e para todos — mas nada mais.

«Para isto, poderem, ha obstaculos de varia ordem que se não podem expor em simples carta. E como é possivel que V... não conheça a alocução que proferi na sessão de Março de 1948, torno a libert.e de lha oferecer um opusculo no qual a pag. 12/13 poderá ver bem clara e bem publica a minha opinião.

«Agradeço as v/atenções, etc. etc.»

O que eu não posso dizer ao Freitas é que tudo quanto seja elevar a memoria do Ant.º Augusto Gonçalves ou mantê-la encontra decidida oposição no actual movimento politico que se tem esforçado, desde a acção do Virgilio Correia como director do Museu, em destruir e até em amesquinhar a grande e bela obra [illegible] levada a cabo com tanta inteligencia, tanta

visão e enorme esforço desinteressado.

E muito menos lhe poderia dizer que a roupeta não perdôa...

Acabei hoje o tal artigo que o Faria de Morais me pediu para a falada Revista Internacional e que serviria de prefacio para o volume do Catalogo e Sumario que a Comissão de Hist.ª Militar se propõe publicar em 1953.

O artigo está um verdad.º mólho de broclos. Confesso que não consegui fazer melhor e desconfio que, se procurasse outra fórma mais perfeita, não seria capaz. Mas aquilo como é para a tropa deve servir e são capazes de achar bom.

Coimbra.

Dezembro: 15.

Amanhã é que se realiza a homenagem ao Ferreira Lima no Arquivo Histórico Militar. Decididamente não vou.

Desde que a homenagem inclue inauguração das novas instalações do Arquivo com os respectivos tagatés ao ministro e os discursos serão feitos nos «termos regu-

lamentáres » resolvi não ir. Solicitei ao Pires Monteiro fº que me representar e mandarei um telegrama á filha.

E ficarei por aqui.

Alem disso, a viagem já me custa... Ir e vir a Lisboa no mesmo dia é quasi trabalho de Hercules.

Coimbra.

Dezembro: 16.

Morreu outem o Lourenço Chaves Almeida e fui hoje acompanha-lo ao cemiterio dos Olivais.

Desapareceu mais um bom amigo e mais um dos companh.ºs de varias lides da vida. Andava, na verd.ª, decadente, mas não o julgava tão proxº do fim. Ainda ha dias, quando passei uma tarde com ele, não me pareceu em vesperas de morte.

Emfim, mais um que desaparece para o bom convivio amigo — pois para a vida activa já se não contaria com ele. Mas é mais uma falta para mim, [illegible] tinha-o como amigo certo, um dos amigos já raros do numero muito reduzido que me resta.

Mas não é só o amigo que desapare
ce; desaparecem um artista de mérito e
com ele acabou uma geração de artistas
e uma época de grande esplendor para as
artes coimbrãpenses.

Lourenço Chaves Almeida foi o últi-
mo representante desse notável grupo de
obreiros que cresceu e avultou á roda do
velho António Augusto Gonçalves e que
tão alto elevou o culto da arte e tão belas
obras deixou por todo o país.

Era o mais novo dessa pleiade a que
pertenceu João Machado (Pai), Manuel Pe-
dro de Jesus, José Barata e tantos outros;
e por sua vez soube criar belos documen-
tos artísticos que não só comprovam o pró-
prio valor pessoal como o valor duma es-
cola e da sabia direcção dum Mestre.

Com as pazadas de terra que se lan-
çáram sobre o caixão, com o conhecido
som cávo e sinistro, fechou-se um ciclo
artístico de Coimbra. Ouvi essas pan-
cadas da terra sobre a madeira compungido
— mas pensei que mais alguma coisa
havia que o banal fenómeno acustico...
Lá ficou um amigo de muitas desenas de